



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

CATIA MANUEL

**A LITERATURA GUINEENSE CONTEMPORANEA: NAÇÃO E
REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO ROMANCE DE ABDULAI SILA
A ETERNA PAIXÃO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

CATIA MANUEL

**A LITERATURA GUINEENSE CONTEMPORANEA: NAÇÃO E
REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO ROMANCE DE ABDULAI SILA
A ETERNA PAIXÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira- Unilab, como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Vania Maria F. Vasconcelos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

M2511

Manuel, Catia.

A literatura guineense contemporânea : nação e representação da mulher no romance de Abdulai Sila A eterna paixão / Catia Manuel. - 2019.

49 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vânia Maria Ferreira Vasconcelos.

1. Literatura guineense - História e crítica. 2. Mulheres - Identidade. 3. Nacionalismo e literatura - Guiné-Bissau. I. Eterna paixão, A - Crítica e interpretação. II. Sila, Abdulai, 1958- - Crítica e interpretação. III. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 896

CATIA MANUEL

**A LITERATURA GUINEENSE CONTEMPORANEA: NAÇÃO E
REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO ROMANCE DE ABDULAI SILA
A ETERNA PAIXÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab, como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa.

Aprovada em 27/03/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vania Maria Vasconcelos (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab

Profa. Dra. Carla Verônica Albuquerque Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab

Profa. Dra. Lílían Paula Serra e Deus

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab

Pa tudu mindjeris guineesis! N'barsa bos tudu!

*[À todas as mulheres guineenses! Abraçei todas vocês!] em
especial à Fatima Falção, minha mãe, com amor*

*À Paulo Nancassa, meu padrasto, a quem serei
eternamente grata*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus pela vida, saúde e energia positiva. A minha família pelo apoio que têm me dado desde o início do meu percurso escolar em especial à minha mãe, meu ídolo FATIMA FALCÃO que me deu todo amor, educação e incentivo. A meu padrasto PAULO NANCASSA por ter me apoiado financeiramente durante todo esse tempo e por ter sido, meu melhor conselheiro. Agradeço imensamente a minha querida orientadora professora doutora VANIA MARIA VASCONCELOS por ter me aceito e ajudado a dar 'vida' a esse trabalho, pela paciência e atenção. Graças a senhora consegui chegar nessa etapa e poder agradecer-la. Saiba que lhe adiro muito não só e por ser minha orientadora, mas também por ser um exemplo de mulher pra mim. A meu pai Quintino Manuel, aos meus irmãos e minhas irmãs, as minhas amigas e amigos que com simples gestos alimentaram minha força e vontade de lutar. Quero agradecer duma forma muito carinhosa à Noêmia Armando Monteiro a quem estive ao meu lado quando eu mais precisava. Jamais esquecerei também os maravilhosos momentos que passamos juntas, meu muito obrigada! Agradeço de coração a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab pela oportunidade ímpar de estudar, crescer, conhecer vários mundos dentro de um e também conhecer pessoas que serão para sempre guardadas na minha memória e no meu coração. Minha gratidão aos meus professores e as minhas professoras que me ajudaram e me fizeram perceber que posso dar saltos mais altos. Sem esquecer da professora doutora Shirley Freitas por ser minha primeira coordenadora no projeto de extensão, obrigada pela oportunidade e confiança. Agradeço também ao professor Alexandre Timbane por me ajudar a dar um grande passo.

RESUMO

Neste trabalho pretendemos discutir como a nação e a figura feminina estão representadas no romance **A Eterna Paixão** (1994) escrito pelo romancista guineense Abdulai Silá. Tendo como objetivos específicos analisar a situação da nação no período colonial e pós-colonial e analisar a escrita literária guineense depois da independência (AUGEL, 2007), queremos entender as discussões sobre como eram as nações africanas antes da invasão dos portugueses, durante a colonização e que mudanças são representadas na obra literária depois da independência. Trataremos também da situação da mulher na sociedade guineense (BARROS e SEMEDO, 2013), do apagamento da imagem feminina desde o período da luta para a independência (GODINHO, 2016). Assim poderemos compreender o motivo da representação destas na literatura do autor contemporâneo guineense.

Palavras-chave: Eterna paixão - Crítica e interpretação. Literatura guineense - História e crítica. Mulheres - Identidade. Nacionalismo e literatura - Guiné-Bissau. Sila, Abdulai, 1958- - Crítica e interpretação.

ABSTRACT

In this work we intend to discuss the issue of the nation as a literary element and how the female figure is represented in the novel of male authorship - *The Eternal Passion* (1994) written by the Bissau-Guinean novelist Abdulai Silá. With the specific objectives analyzing the situation of the nation in the colonial and postcolonial period and analyzing Guinean literary written after independence (AUGEL, 2007). We want to understand how the African nations were before the Portuguese invasion during the colonization and what changes can be understood after independence in regard to the nation. We will also discuss the situation of women in Guinean society (BARROS and SEMEDO, 2013), the low number of women / girls in schools and in decision-making. Before discussing the current situation of women in the contemporary world, we shall return to the erasure of the female image from the period of independence war (GODINHO, 2016). Therefore, we can understand the reason for their representation in the literature of contemporary Guinean author.

Keywords: Eterna paixão - Criticism and interpretation. Guinean literature - History and criticism. Nationalism and literature - Guinea-Bissau. Sila, Abdulai, 1958- - Criticism and interpretation. Women - Identity.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | GUINÉ-BISSAU E SUA LITERATURA | 12 |
| 2.1 | GUINÉ-BISSAU | 12 |
| 2.2 | A LITERATURA | 12 |
| 2.3 | A NAÇÃO COMO ELEMENTO LITERÁRIO | 15 |
| 2.4 | A MULHER NA SOCIEDADE GUINEENSE | 19 |
| 3 | A ETERNA PAIXÃO: A NAÇÃO GUINEENSE E A IMAGEM FEMININA EM ABDULAI SILÁ | 27 |
| 3.1 | VIDA E OBRA DO ESCRITOR | 27 |
| 3.2 | A ESCRITA DE ABDULAI SILÁ | 28 |
| 3.3 | A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO GUINEENSE | 36 |
| 3.4 | A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS | 40 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 47 |
| | REFERÊNCIAS | 48 |

1 INTRODUÇÃO

No decorrer da aula do componente curricular optativo Literatura Baiana, surgiu meu interesse pela literatura. Confesso que pensei de cara escrever sobre as mulheres, mas não sabia em que contexto e de que país. O assunto que despertou minha inquietação foi quando tratamos na sala de aula sobre o romance do escritor brasileiro Jorge Amado **Gabriela, Cravo e Canela**, publicado em 1958. Esse romance aborda temas sociais (poderosos coronéis, mulheres sensuais, prostituição, traição, opressão das mulheres). Todavia, a forma como a professora desenvolvia de forma detalhada a representação das figuras femininas e a visão da sociedade perante o sexo feminino, me fez pensar sobre a sociedade guineense e a situação das mulheres dentro dela. Assim surgiu esse tema que um dia e em seguida, decidi olhar a sociedade através das lentes de um escritor.

Sendo a Guiné-Bissau o foco do nosso trabalho, decidimos explorá-la em duas vertentes: A representação da nação e a representação da figura feminina no romance de Abdulai Silá - **A Eterna Paixão** (1994). Discutimos a situação da literatura guineense a partir do panorama feito pela pesquisadora Moema Parente Augel. Procuramos compreender o motivo de poucos livros e romances nas bibliotecas das escolas na Guiné-Bissau. Segundo Augel, a falta de leitores é um dos motivos, além da existência de poucas obras literárias.

Nessas poucas obras, os escritores e escritoras guineenses não aproveitam a diversidade linguística e cultural que o país tem e muito menos assuntos sociais, tendo em conta a questão de desigualdade de gênero por exemplo. Os assuntos discutidos nos romances, contos, são voltadas à nação e a colonização.

A colonização foi e ainda tem sido o principal motivo da desestabilidade de alguns países africanos e Guiné-Bissau é um deles. Sabe-se que, quando os colonizadores chegaram aos países africanos tinham seus interesses. Interesses esses de apropriar-se das terras dos colonizados, acabar com suas práticas culturais, suas línguas, a fim de criar um novo mundo com intuito de impor a cultura europeia (suas línguas, suas práticas religiosas) usando o famoso discurso de “civilizá-los”. Os colonizados foram resistentes nas batalhas para tornar seus países independentes, e conseguiram. Mas, ainda assim, a luta para a reconstrução da nação não foi e não está sendo fácil. Isso porque mesmo libertando seus países, a língua do colonizador tem permanecido. Vale ressaltar que nessas lutas as mulheres tiveram participação e lutaram lado a lado com os homens, mas, infelizmente, essa parte da história não foi contada.

No segundo capítulo desse trabalho, quando trataremos da análise da obra do autor, relatamos também a construção da nação guineense depois da colonização. O que foi feito e o

que se perdeu. Quando se trata da perda, sublinhamos a imposição da língua do colonizador que fez com que as línguas nacionais fossem desvalorizadas, a perda da autonomia, a desestabilidade do país. Interessa-nos, pois, saber como as mulheres estão representadas na sociedade guineense pós-independência. Sabemos que no período da luta da libertação do país, o grande líder Amílcar Lopes Cabral, implantou um Programa de Ação em 1966 que tinha como objetivo estabelecer a igualdade entre os homens e as mulheres no país. Pode-se perceber que a resposta não é positiva, porque, mesmo na época tinham um impasse: os homens não queriam se sentir no mesmo direito que as mulheres e isso fez com que logo depois da luta de libertação, ou seja com a morte do Amílcar Cabral, a desigualdade de gênero tenha se tornado mais visível na sociedade guineense. A sociedade guineense continua sendo uma sociedade patriarcal e por isso a mulher permanece sem alcançar a equidade com os homens. Algumas escritas literárias guineenses, por sua vez, demonstram a permanência dessa mentalidade. Por esse motivo é que procuramos analisar o primeiro romance de um dos grandes escritores guineenses Abdulai Sila, intitulado **A Eterna Paixão**, publicado em 1994.

O que vem nos inquietando e motiva nossa análise do romance nesta perspectiva é: por que que o olhar da sociedade guineense sobre a mulher não tem nenhum avanço? ou porque que a representação da mulher na literatura guineense ainda segue a visão perjorativa da sociedade?

2 GUINÉ-BISSAU E SUA LITERATURA

2.1 GUINÉ-BISSAU

A Guiné-Bissau é um país da África que fica situado na Costa Ocidental. Faz fronteira a leste e a sul pela República da Guiné Conacri, a norte pela República do Senegal e a oeste pelo Oceano Atlântico. Com a superfície de 36.125 Km², é composto por duas partes, uma continental com uma área de 34.625 km² e outra insular de 1.500 km², constituída pelo arquipélago dos Bijagós, que se estende à parte continental. Tem um pouco mais de um milhão e meio de habitantes, segundo último recenseamento feito em 2009¹. O país é composto de nove regiões (Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara, Tombali e o setor autónomo de Bissau que é capital do país) Três províncias (Norte, sul, Leste) e trinta e seis setores.

2.2 A LITERATURA

A pesquisadora Moema Parente Augel usou, na sua obra **O Desafio do Escombro** (2007), em que discute sobre a literatura guineense, além da cientificidade, o fundamento da sua experiência vivida em Bissau no período de 1992-1998. Nessa obra, a pesquisadora apresenta seu conhecimento sobre a literatura guineense e afirma que embora tenha poucas obras escritas pelos próprios escritores e escritoras guineenses na época (romances, contos, poemas), ainda assim, pode-se fazer uma leitura e entendimento profundo dessa literatura e o seu papel na sociedade local. A pesquisadora propõe analisar o papel desses escritores na construção da nacionalidade guineense.

Por outro lado, de acordo com o subtítulo “Nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau” a autora pretende apresentar uma literatura capaz de participar na formação da nação guineense, através da narração. Com base nisso, declara que os escritores jovens tentam fazer um esforço para definir o Estado-Nação e a sociedade, partindo da tradição rural em busca da independência e da modernidade, levando em consideração as diversidades étnicas da população.

Antes de começarmos a tratar de pouca reutilização dos recursos culturais na literatura guineense, convém destacarmos *a priori* um dos fatores que contribuem na pouca quantidade de obras literárias na Guiné-Bissau. Para isso lembremos o sociólogo brasileiro Antônio

¹ Resultado provisório disponível em RGPH de 2009.

Candido na sua obra **A educação pela noite e outros ensaios** (1987) onde esse revela que nos países subdesenvolvidos o analfabetismo e a manifestação da inanição cultural são as condições materiais da existência da literatura.

Com efeito, liga-se ao alfabetismo as manifestações de debilidades culturais: falta de meios de comunicação e difusão (editoras, bibliotecas, revistas e jornais); inexistência, dispersão e fraqueza dos públicos disponíveis para a literatura devido ao pequeno número de leitores reais (muito menor do que o número já reduzido do analfabetismo); impossibilidades de especialização dos escritores em suas tarefas literárias geralmente realizadas como tarefas marginais ou mesmo amadorísticas; [...] (CANDIDO, 1987, p. 143-144).

Vale ressaltar que a literatura da Guiné-Bissau apenas se enquadra na primeira situação. Por ser um país com poucos recursos econômico-financeiros, com alto índice de analfabetismo que conseqüentemente gera pouco número dos leitores. Sem contar com a falta de apoio e desinteresse por parte do governo. Mas, a sua diversidade linguística não é o motivo do seu declínio literário, pelo contrário, se os tivessem reaproveitado teriam diversas obras.

Relativamente a questão do pequeno número de leitores na Guiné-Bissau, a Augel acredita que só é possível superar situação se o governo tiver interesse em multiplicar as bibliotecas públicas como sendo forma de incentivo à leitura nas escolas e nas comunidades e que a presença das bibliotecas pode transformar a literatura guineense num espaço válido e precioso. É evidente que através duma política educacional e cultural eficiente é que se pode ganhar maior público leitor. É necessário construir mais instituições escolares, universidades entre outros meios que possam permitir as crianças, jovens e adultos a possibilidade de criar e recriar sua própria cultura.

Quando se fala em criar e recriar, Augel traz o discurso do teórico marxista Amílcar Lopes Cabral² “Pai da nação guineense” sobre a valorização do sentimento de pertencimento à cultura, no sentido da preservação das identidades dos grupos étnicos como sendo armas de combate à cultura imposta pelos colonizadores. Vale ressaltar que a Guiné-Bissau é um país com uma diversidade cultural muito ampla. Essa diversidade se explica pelas inúmeras línguas étnicas que a sociedade carrega. Por essa razão podemos afirmar que a literatura guineense pode-se criar e recriar dentro do seu próprio território, constituindo-se como um meio literário bastante rico. Isto é, aproveitar a riqueza que existe no país a fim de fazer com que o resto do mundo

² Amílcar Lopes Cabral – foi um agrônomo, teórico marxista e político da Guiné-Bissau e Cabo-Verde. Nasceu em Bafatá no dia 12 de setembro de 1924. Filho de um Cabo-verdiano e uma guineense de ascendência cabo-verdiana. Foi um dos fundadores do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo-Verde. Foi assassinado em Conacri (capital de Guiné-Conacri) em 20 de janeiro de 1973.

possa conhecê-la. Os contos da escritora Odete Semedo apresentam traços da língua nacional-crioulo guineense (Kriol). Por exemplo, no seu livro de contos intitulado **Sonéá- histórias e passadas que ouvi contar** (2000), a autora usa a língua portuguesa, pondo-a em sintonia a língua predominante do seu país. Língua essa que facilita a comunicação entre o povo guineense, língua da união como dizem os próprios guineenses. Essa é uma das formas de apresentar a cultura guineense para as pessoas de outros países.

Obviamente que a diversidade linguística não é o único recurso que o país possui. Existem ainda meios como bem lembrou Augel sobre a afirmação do crítico literário Júlio Ortega (1988), quando ele desvela as vantagens da literatura como sendo algo que acontece em paralelo com os fatos históricos, trazendo nova qualidade da realidade de uma obra, mostrando da forma científica um jeito encantador de narrar a nação. (apud, Ortega, 1988). A um país que lutou durante anos pela sua independência, não devem faltar histórias para contar em forma de músicas, escritas, pinturas entre outros. Esses recursos podem alimentar a literatura guineense.

Augel acredita que “é significativo ter muitas obras literárias porque é a expressão do povo guineense. É o espaço onde o sentimento de pertença toma raiz. É igual a uma identidade coletiva (...)” (Augel, 2007). A literatura é uma completa viagem, voltar ao passado faz fortalecer mais a união do povo e o espírito nacionalista fala mais alto. No entanto, esse espírito precisa olhar para a diversidade cultural e fazer com que futuramente os mais novos possam conhecer não só história dos heróis, mas também das heroínas que lutaram para o país.

A pesquisadora afirma que conseguiu perceber, através das obras analisadas, que essas obras foram elaboradas na base de disputa entre diferentes formas de interpretações de cada pessoa e do público, ou seja, o julgamento do sentido da obra é feito de forma individual ou por meio do coletivo.

“Por um lado, uns consideram que é o amor, por outro, muitos acreditam que é um simples apego ao “chão”, por um lado medo, e por outro não aceitação ao mau exercício de poder disfarçado por trás das máscaras para enganar o povo” (AUGEL, 2007).

Como pontuamos anteriormente, a situação econômica e os problemas políticos são fatores fundamentais da revolta do povo guineense, o amor à pátria as vezes se transforma em ódio e é exposto nas obras literárias, nas músicas, etc..., sendo meios mais eficaz para anunciar e fazer chegar onde quer que sua voz chegue.

2.3 A NAÇÃO COMO ELEMENTO LITERÁRIO

Segundo investigadora Zilá Bernd (1992), na sua obra **Literatura e Identidade Nacional**, a nação se tornou um elemento significativo na literatura, quando as literaturas inferiorizadas pelos campos literários hegemônicos, começaram a reivindicar a forma como eram classificadas: de literaturas periféricas, conexas e marginais, iniciaram a luta pela autonomia do seu estatuto dentro do campo instituído. A autora ainda argumenta que nos anos 60 a literatura passou ter um conceito de identidade cultural/coletiva deixando para trás o conceito de identidade individual que há muito tempo teria. As novas nações africanas começaram a construir sua própria literatura, embora próximas do seu passado colonial, tendo como objetivo realizar a produção da consciência nacional, libertar a sua cultura e seus bens como forma de desafiar as organizações literárias (cânone). A poesia, inspirada na consciência nacional desse povo negro “se origina na consciência da sua perda e se desenvolve na base da sua reconstrução” (BERND, 1992, pag.14).

Chega o momento em que os povos das antigas colônias precisavam da união e da coletividade. Precisavam uns dos outros para fazer forte essa aliança. O amor a nação foi priorizado e exaltado através da literatura e o verdadeiro passado da colonização foi revelado.

Consequentemente, o discurso literário produzido nestas circunstâncias é marcado pelo desaparecimento do "eu" individual em favor de um "nós" coletivo que pode tender ao monologismo e à coesão onde as vozes dissidentes são dificilmente admissíveis. (BERND, 1992; pag.14).

Os povos colonizados lutaram juntos para acabar com a voz imposta do colonizador. Não aceitaram mais que fossem obrigados a fazer o que há muito tempo não queriam. Suas vozes ecoaram e falaram do que eles realmente acreditavam.

A nação é para o seu povo uma identidade. Segundo Bernd (1992), o filósofo Claude Lévi-Strauss (1977) acredita que a identidade é uma entidade sem existência real, obscura, embora seja um ponto de referência indispensável, não tem referente empírica ou seja, não é algo prático. Para Strauss os referentes práticos ou palpáveis como a cor da pele, o sexo, ou seja, “identidade de primeiro grau” não são suficientes para formar a identidade dos negros ou das mulheres. (apud, Strauss, 1997). Ainda acrescenta que a identidade que se constrói através do sexo feminino ou da cor da pele, além de ser discreta, delimita a realidade a um único quadro de referências. Strauss aponta que além desses referentes biológicos (sexo, cor da pele), existem vários referentes que podem interferir para "identificar" uma pessoa são eles, referentes de

ordem histórica, cultural, sociológica, psicológica, entre outros, que são caracterizados pela teórica Gayle Rubin (1989) como “identidade de segundo grau” ou reflexiva. Referentes com dimensões de fora para dentro.

Por outro lado, Strauss (1997), ainda acredita que considerar apenas as características culturais, os países ou as raças não é só falso em termos científicos como é também algo bastante perigoso, pois essa delimitação pode criar uma percepção racista. Se delimitar que um indivíduo não pode usar um determinado objeto cultural duma comunidade porque não pertence essa comunidade, estaria excluindo-o. Deve-se considerar que a identidade é a junção de vários referentes.

No que diz respeito à identidade coletiva, é preciso encará-la como um conceito plural: os conceitos estáveis de "caráter nacional" e "identidade autêntica" são modernamente substituídos por uma noção pluridimensional onde as identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos de sua história se justapõem para constituir um mosaico. As partes se organizam para formar o todo. (BERND, 1992, pag. 15).

As escritoras e os escritores africanos e africanas se unem através da literatura para falar da opressão, do racismo, da exclusão, dos efeitos da colonização entre outros. Embora sejam pessoas de países e culturas diferentes, têm um fator que os une, lutam pela mesma causa, por uma identidade comum onde cada um se sente pertencente. A nação é uma identidade coletiva. A identidade podemos assim dizer que é tudo o que toca/diz respeito a uma pessoa ou um povo independentemente do lugar.

É preciso se identificar com uma cultura, uma nação para se sentir parte dela, embora, segundo Bernd (1992), no campo literário percebe-se a busca forçosa da identidade no período de crise. O que leva os escritores/as a certas armadilhas. O filósofo Tzvetan Todorov (1989), considera que seria uma forma de "erigir, de maneira indevida, os valores próprios da sociedade à qual se pertence, em valores universais" (*apud*, Todorov, 1989, p.19), Essa busca indevida leva os escritores a uma forma fixa de escrever considerando uma única maneira de interpretar a sociedade. Por esse motivo, segundo Bernd (1992), o filósofo Pierre-Félix Guattari prefere não usar o termo identidade cultural não só por o achar inferior, também remete a separação. Prefere usar "processos de singularização" pois esse remete ao conceito existencial.

Para Bernd (1992) busca identitária pode, pois, funcionar de duas diferentes maneiras: como sistema de vasos estanques (primeiro grau) que causa o discurso paralisado à sentido literal dos textos, uma vez que o desconforto da linguagem vem da própria natureza de quem escreve, do literário. Outra forma da busca identitária é como processo (segundo grau) em

movimento constante de construção/desconstrução, criando espaços para diálogo, permitir e compreender a ideia do próximo sem paralisá-la. E acrescenta que nessa busca identitária como processo significativo, contínuo, inacabado, o conceito de identidade aparece numa forma benéfica para dar vida aos textos escritos com conteúdo de dominação cultural, procurando recuperar e recriar seu território.

A busca de definição identitária por uma comunidade em geral ou por uma pessoa na literatura, pode ser caracterizada em duas funções. Segundo Bernd (1992), é o que o poeta e crítico antilhano Edouard Glissant (1981), no seu estudo **A formação das literaturas nacionais**, apontou como “função de dessacralização, função de desmontagem das engrenagens de um sistema dado” (*ibid*, 1981) que seria revelar ou tornar visível os métodos escondidos ou estabelecer relações interculturais. Outra função é a “função de sacralização, de união da comunidade em torno de seus mitos, de suas crenças, de seu imaginário ou de sua ideologia.” (*ibid*, Glissant, 1981, p.189-201). Essa literatura com característica sacralizante ao invés de erguer ou recuperar os mitos e a memória coletiva de uma sociedade que a muito tempo foi apagada e estruturar o projeto nacional, se encarrega apenas de uni-los num único universo “ao monologismo, ou seja, à construção de uma identidade única, que restringe a realidade a um único quadro de referências.” (Bernd, 1992, p.17-18). Vale ressaltar que unir a memória coletiva de uma comunidade não significa delimitá-la a certas práticas e apagar outras, mas sim, recuperar todas elas através numa forma coletiva.

Se pensarmos sobre esses conceitos, percebemos que, se os autores escondessem suas identidades culturais do mundo, estariam limitando-as, ao invés de defender sua existência, internacionalizando-as. E próprios autores “se fecham em um etnocentrismo que reduz sensivelmente a sua legibilidade” (Bernd, 1992, p.17). Por outras palavras, a cultura deve ser algo mostrado, vivido e modificado. A cultura é a identidade que permite aceitar o outro e a sua diferença. A cultura, assim como a nação, é a identidade coletiva de um povo. Essas identidades são manifestadas através das narrativas (contos, poemas, romances).

O filósofo Paul Ricoeur (1985, p.432) afirma que a "identidade não poderia ter outra forma do que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, narrar. Uma coletividade ou um indivíduo se definiria, portanto, através de histórias que ela narra a si mesma sobre si mesma” (*ibid*, 1985) e acrescenta que, através destas narrativas, consegue arrancar sentido do conceito obscuro na qual está escondido seu espírito da coletividade. Por isso é que a literatura e a narrativa são indispensáveis na construção de uma identidade.

Ainda antes de terem voz, de tomarem a liberdade, de construir suas próprias literaturas e de levantarem o espírito nacionalista, existia o que o filósofo Todorov chamava de “nós e os

outros”. Segundo Bernd (1992), para o filósofo “nós remete aos membros de uma mesma comunidade, enquanto outros são os que não pertencem a ela.” (Todorov,1989. Bernd 1992, p. 18). “Na verdade, o processo de autonomização das manifestações literárias que têm sua gênese em situação colonial será fatalmente marcado pelo jogo dialético nós/outros.” (Bernd, 1992, p.75). A investigadora ressalta que lá, no início da colonização, mesmo os colonizados que escreviam não se sentiam ainda parte de um nós, ou seja, não tinham a liberdade de expressão, pois, para que as suas obras fossem lidas teriam que presumir como receptor o outro, o europeu. (Bernd, 1992, p.75). “Essa limitação é devido à falta de um sistema local (autor-público-leitor), como mostrou o sociólogo Antônio Cândido.”. (*apud*, Bernd,1992, p.75).

Os europeus não permitiam que as narrativas dos colonizados fossem publicadas. Existia um “padrão”, ou seja, um modelo da escrita que podia ser divulgado. Essa limitação foi diminuindo com o tempo, até que, embora demorado, os nativos conseguiram construir seus modelos de literatura nacional. A autora argumenta que esse percurso começou pela “sensação por parte do escritor de sentir-se "em casa" com os objetos culturais que o cercam e pela certeza de que escreve para pessoas que junto com ele compõem o nós.” (Bernd, 1992:75).

O texto literário é um dos elementos que expressam ou discutem a situação social. Para a autora o discurso social baseando na definição do teórico social Marc Angenot (1988), é

tudo o que se diz e se escreve em um estado de sociedade; tudo o que se imprime, tudo o que se fala publicamente ou se representa na mídia eletrônica; ou melhor (...) as regras de encadeamento de enunciados que, em uma sociedade dada, organizam o dizível - o narrável e o opinável - e asseguram a divisão do trabalho discursivo, (Angenot, 1988, Bernd, 1992:75).

O discurso social funciona como um meio privilegiado que serve de intermediário no processo de afirmação e de consolidação da consciência nacional, isso porque tem uma singularidade de conter em si mesmo um discurso histórico, o político, o filosófico, imenso (Bernd, 1992, p.75). Sem contar com a cacofonia discursiva que tem como consequências a soma dos discursos em circulação na sociedade. “Existem dominantes interdiscursivas, maneiras de conhecer e de representar o mundo que são próprias a uma sociedade. E a isso que, desde Antônio Granisci, se dá o nome de hegemonia.” (ibid, 1992:76). Para Angenot (1988), hegemonia é "um instrumento de controle, como uma vasta sinergia de poderes, de imposições, de meios de exclusão arbitrários." (*apud*, Bernd, 1992: 76).

O texto literário desempenha duas funções no discurso social. As vezes age à favor da ideologia dito “oficial”, reforçando esta hegemonia, outrora age como se tivesse ironizá-la tentado sabotá-la, criando discórdia ao poder. (Bernd,1992, p.76). Na maioria dos casos, os

discursos que realmente se agenciam como dissidência, ocuparão as sombrias regiões da marginalidade, pois a hegemonia tem o “poder” de pôr e impor as regras na base do que considera “normalidade”. E tem também esse mesmo “poder” de excluir tudo o que considera “anormal” ou “fora do comum”. Por isso que na maioria das vezes, os discursos que são considerados “inapropriados”, discórdia, são considerados marginalizados, ou seja, estão fora do “normal”. A hegemonia só aceita o que quer que faça parte do seu círculo.

Os europeus eram no período colônia (e ainda hoje são) a classe hegemônica, pois não permitiam obras literárias com conteúdo fora do que eles determinaram como “normalidade”, ou seja, o que lhes agradava que seria conteúdos que exaltavam novo mundo e a favor da colonização. Para eles obras com conteúdo que vangloriava a nação e a cultura africana era marginalizada e excluída. Depois da colonização o povo africano retomou fortemente a nação como elemento principal da sua literatura.

2.4 A MULHER NA SOCIEDADE GUINEENSE

Quando se trata do papel da mulher na sociedade guineense, voltaremos um pouco para falar da luta armada e das modificações que esse capítulo histórico provocou na sociedade guineense em termos social, político, educacional, cultural.

Segundo a historiadora Patrícia Godinho, nos anos sessenta do século XX no caminho do movimento de liberalização da cultura africana, surgiu um importante corrente internacional com alguns historiadores de grande status. Entre eles os historiadores franceses Lucien Fèbvre (1953), Joseph KiZerbo (1972) de Burkina Faso e Jan Vansina (1977) de Bélgica, elaboraram um estudo sobre o passado do continente africano, com intuito de reconstruir novas histórias, permitindo que o próprio povo africano conte sua história tal como pontuou um dos historiadores “engenhosidade da história deve permitir a todos fabricar o próprio mel” (Fèbvre 1953:428). Só assim é que poderiam mudar o olhar negativo que alguns continentes tinham da África devido as más histórias contadas pelos colonizadores.

Godinho (2016), explica que o que levou os historiadores a optarem pelas fontes orais é porque na época não tinha documentos escritos, que são obviamente fundamentais na reconstrução do passado de um povo e das suas civilizações.

Entretanto, os historiadores optaram em “construir uma história considerando múltiplas fontes. Por outras palavras, a diversidade de condições de vida e das atividades humanas no tempo e no espaço pressupunham, *a priori*, um olhar diferenciado em relação ao meio estudado” (Ki- Zerbo 1972: 98-99; Godinho Gomes2016: 72)

Isso porque as pessoas tinham diferentes formas de viver, diferentes culturas e viviam em diferentes lugares, por isso, os historiadores obrigatoriamente tiveram que realizar exercícios teóricos e metodológicos fundamentais para apreenderem a realidade desses povos.

A autora explica que se pode perceber o interesse que os historiadores tinham em entrevistar pessoas com passado de militância, principalmente as mulheres, mas, infelizmente nessa época não existia uma literatura que falasse da história das mulheres africanas. (Godinho Gomes 2016, p.72). O passado das mulheres foi apagado. Ninguém falava das suas lutas, ou das suas participações em qualquer atividade. Das histórias contadas só existiam heróis, nunca heroínas.

Godinho realça que, nos meados de 1970 e 1985, a literatura negou as vozes das principais protagonistas, pois favoreceram mais fontes de arquivos, com restrições de alguns testemunhos orais (Godinho Gomes, 2016). Só depois de muito tempo, é que surgiram alguns avanços em termos teóricos, ou seja, algumas mulheres como Claire Robertson e Iris Berger publicaram uma obra coletânea em 1986, cujo tema chama a atenção para ao facto de que, “os sistemas coloniais, de forma geral, tenderam a favorecer e a eternizar forma de discriminação de género e a desvalorizar o estatuto socioeconómico das mulheres africanas” (Godinho Gomes, 2016: 72). Um dos fatores é a não existência dos documentos escritos que certificavam a presença benéfica das figuras femininas na luta armada.

Os colonizadores tiraram o mérito das mulheres nas histórias do passado africano e ocultaram seus desempenhos. A única história contada pelo povo africano (baseado nas histórias produzidos pelos colonizadores), era de que as mulheres ocupavam o papel clandestino na luta de libertação, como cozinheiras, obsequiar suas casas para reuniões do partido (PAIGC), distribuíram materiais de propaganda, serviram como ponte de ligação entre as diversas “células” como pontuou Godinho (2016). O que reforçou o estereótipo social que deu origem à desigualdade de género, mesmo após a independência (Ly, 2014; Godinho2016). No quadro da divisão sexual de tarefas, maior parte das funções que as mulheres exerciam eram consideradas na sociedade como trabalhos especificamente “femininos”. Ou seja, as mulheres não podiam ser responsabilizadas a certas tarefas dito “trabalho dos homens” e vice-versa. O que não foi dito é que havia mulheres que lutaram junto com os homens do partido. A luta dessas mulheres foi árdua, pois elas tiveram que lutar contra o sistema patriarcal e em busca da liberdade territorial.

A partir de 1972, algumas mulheres passaram a fazer parte dos órgãos políticos do PAIGC e dos tribunais populares como membros de júri. Houve vários outros domínios em que as mulheres se distinguiram: nas operações militares,

a partir de 1966 com a intensificação da guerra, como milícias e parte integrante dos corpos militares nas frentes. O sistema de educação que então nascia nas zonas libertadas da Guiné-Bissau contou com o apoio fundamental das mulheres em todos os seus aspectos e níveis. Nos comités de gestão das escolas entre os representantes dos estudantes as raparigas eram representadas em número igual ao dos rapazes (3 raparigas e 3 rapazes), para além do representante dos professores e do representante político.³⁰ As conquistas foram importantes, sobretudo no que se refere à presença de mulheres como professoras e gestoras dos institutos e escolas das áreas libertadas. (Gomes; Godinho 2016).

Segundo a autora, o processo de independência da Guiné-Bissau foi vitorioso graças ao sustentáculo e o trabalho coletivo da sua população, à capacidade de liderança do PAIGC e de Amílcar Cabral. Quando se trata desse contexto, não podemos esquecer que a contribuição das mulheres foi importante, pois facultou que atinjam objetivos no que diz respeito a organização das novas instituições.

As mulheres engajadas desde sempre estiveram na frente da luta pela libertação e se destacaram em papeis de extrema importância. Segundo Gomes (2016), o próprio líder do país afirmou essa sentença evidenciando o papel fundamental das mulheres na revolução e no processo de reconstrução nacional, afirmando que o sucesso de qualquer tipo de transformação numa sociedade, segundo a análise do Cabral, resumia-se “em constatar de que forma a mulher participa no mais amplo processo de libertação da sociedade (...). “A nossa revolução nunca será vitoriosa se não conseguirmos a plena participação das mulheres” (Cabral, apudi, 2016; pag 79).

Cabral não foi o único a levantar essa bandeira do sucesso das mulheres. Uma das mulheres responsáveis políticas que presenciaram e lutaram, como Teodora Inácia Gomes ex-combatente da “liberdade da pátria” familiarmente conhecida por “Obono” nasceu em 13 de setembro de 1944, em Empada, região de Quínara, sul da Guiné-Bissau” (Godinho gomes, 2016). Filha de Nhana da Silva (ex militante de PAIGC) e de Inácio Pedro Gomes (ex Juiz dos “indígenas” em Bolama). Teodora relatou a sua participação, seu empenho e das colegas de luta como: Francisca Pereira, Cati Turpin, Meta. Além dessas mulheres guerreiras também tinha outras figuras nobres como a rainha Pampa que travou a batalha contra a penetração portuguesa no século XX, comandantes militares como Titina Sila, governantes como Francisca Pereira e Membro de um dos tribunais populares nos anos 60 do século XX como Tenem Camara.

Na entrevista feita pela Godinho, Teodora declara

As minhas atividades traduziam-se em dar aulas, preparar professores, organizar os programas escolares e escola, dar formação em termos de educação sanitária e primeiros socorros”. Ainda acrescenta “tive a oportunidade de trabalhar com crianças com deficiências [...] consegui ajudar algumas delas a obter bons resultados. Em

resumo o meu trabalho era coordenar os monitores e os professores (GOMES. Godinho Gomes 2016).

Antes do início da luta armada, foi criada em Conacri, em junho de 1961 a União Democrática das Mulheres da Guiné e Cabo-Verde- UDEMU. Segundo Teodora Inacia Gomes, essa associação tinha como objetivo “reforçar a força feminina como principal tarefa a mobilização das mulheres e o seu enquadramento político no processo” (*ipud*, Godinho Gomes, 2016). A união funcionou não só no interior assim como no exterior devido suas atividades no plano das relações diplomáticas com intuito de ganhar recursos financeiros fundamentais para o avanço da luta de libertação. Infelizmente houve fracasso na sua primeira fase.

Depois da independência o sistema político guineense mudou completamente. As mulheres passaram a ocupar o lugar de submissão, rejeição na sociedade e nos espaços da tomada de decisões, que dizer, os direitos das mulheres foram reduzidos pela tradição domesticas, maternidade. Ocultaram por completo os objetivos elencados pelo Programa de Ação em 1966, especificamente nos campos de saúde e educação, em que o PAIGC estabeleceu a igualdade entre os homens e as mulheres, afirmando que “os homens e as mulheres gozam dos mesmos direitos na família, no trabalho e nas atividades públicas” salienta a autora.

Como citamos a cima, o programa foi criado com intuito de reestruturar a sociedade no âmbito da igualdade de gênero e dar vida aos direitos das mulheres, permitindo a elas uma formação básica, abrindo caminhos para que pudessem lutar contra o sexismo. Mas, não foi o que aconteceu, ou seja, essa lei não saiu do papel para ser exercida na prática.

O objetivo da luta das mulheres duplicou. Elas passaram a lutar não apenas em prol do desenvolvimento do país, mas, também para findar com as desigualdades no domínio à posse da terra, da herança (o filho homem é que tinha direito à bens do pai), os casamentos precoces e os casamentos forçados (que as meninas e mulheres eram forçados a aceitar para o benefício da família), a maternidade na adolescência (que muitas das vezes são consequências desses casamentos forçados e dos estupros sofridos dentro e fora de casa), a mutilação genital feminina (considerada como um dos rituais de algumas culturas étnicas), a desigualdade dos direitos sobre os filhos (considerando que em algumas sociedades só o pai é que tem o total direito de escolher e decidir o futuro do seu filho enquanto que a mãe apenas tem o dever de concordar com as decisões do marido), entre muitos outros. Infelizmente suas lutas não tiveram sucesso. O sistema político e a sociedade patriarcal estiveram na frente. As mulheres passaram a assimilar que não podiam ocupar alguns lugares como nos cargos políticos, pois esse é um espaço adiantado para elas. Esses lugares de prestígios eram dados aos homens, pois fazia parte do que a sociedade acreditava que era “trabalhos dos homens”. Afastavam as mulheres quando

o assunto era a tomada de decisão. Só os homens é que participavam das discussões do que era necessário ou não fazer. A imagem da figura feminina voltou a ser vista como fraca e sensível.

Na Guiné-Bissau, as mulheres representam a maioria da população, mas fazem parte dos grupos voluntários (BANCO MUNDIAL, 2009, ILA, 2010) Apresentam níveis notoriamente mais baixos de educação do que dos homens; uma baixa representação na administração pública, desempenham os trabalhos com rendimentos mais baixos e acumulando trabalho doméstico e o trabalho produtivo; o casamento e gravidez precoces são outros fatores que diminuem o acesso a educação e desenvolvimento profissional contribuem para a subsistência do agregado familiar através do trabalho informal com baixo rendimento; uma baixa prevalência de casamentos formais; a falta de regulamentação do pagamento de pensões alimentícias para pais separados e ficando, na maior parte dos casos, a mulher com o filho para educar; existe um cada vez maior número de mulheres chefes de família; e, ainda, o sistema de segurança social que só cobre uma pequena parte da força do trabalho formal maioritariamente masculino. (SEMEDO e BARROS; 2013).

São inúmeras as causas que explicam menor número de mulheres nas escolas na Guiné-Bissau. Entre elas gravidez precoce, acúmulo de trabalhos domésticos para as meninas, casamento forçado, estupro, entre muitas outras.

Na sociedade guineense assim como em várias outras sociedades do mundo as mulheres são frequentemente subestimadas, inferiorizadas e maltratadas. Quer nos espaços de prestígios (escolas, trabalhos etc) assim como dentro da sua própria casa. Desde criança, as meninas são ensinadas que trabalhos domésticos e cuidar de casa são tarefas que obrigatoriamente devem aprender, enquanto que os meninos podem sair para jogar bola e divertir. O sociólogo guineense Hélder Duarte Baticã no seu trabalho **Manual de Igualdade Equidade de Género** (2015), retratou que “Meninas e rapazes, homens e mulheres aprendem que os papéis designados a homens e rapazes são mais importantes. O que resulta em maiores recompensas e oportunidades para meninos e homens, em comparação com as meninas e mulheres” (BATICÃ, 2015). Os direitos das meninas, nesse contexto, foram ocultados devido a sua estrutura física, mais uma vez o estereótipo de género afeta o direito da mulher, assim orientando-a a comportamentos que pode impedi-la de pôr em pratica o que ela é capaz. Existem mulheres com estrutura física maior que alguns homem, da mesma forma que existem homens com estrutura física menor que algumas mulheres, com isso, não podemos dizer que carregar caixas é trabalho de homem e lavar os pratos é trabalho da mulher. Se depender da estética o argumento precisa mudar.

Os meninos/homens são obrigados a frequentar escolas, pois os pais argumentam frequentemente a famosa frase “tem que estudar para ser doutor e ajudar suas irmãs”, as meninas escutam o seguinte “tem que saber cozinhar para conseguir um bom casamento”. Segundo Baticã (2015), os meninos/homens jovens são motivados que precisam ser

categóricos, sexualmente ativos, não emocionais e autoritários, isso faz com que a própria sociedade aceite um menino/homem com duas namoradas/mulheres, mas uma menina/mulher não pode namorar dois meninos/homens, isto é, se ela pudesse fazer suas próprias escolhas. A sociedade guineense delimita as mulheres/meninas preparando-as para um fim, o casamento. Em algumas etnias guineenses, a mulher é obrigada a casar com a idade mais ou menos de 13 à 14 dependendo do seu desenvolvimento físico, segundo BARROS e SEMEDO, (2013) isso acontece mais nas zonas rurais. Na maioria das vezes o casamento acontece com homens mais velhos como argumentou Baticã (2015). São sobretudo ensinadas que submissão é o sinônimo de boa esposa ou boa namorada. “Meninas e mulheres jovens tendem a ouvir que precisam ser submissas, obedientes, delicadas e quietas, para serem consideradas “femininas”” (BATICÃ, 2015). As vezes a mulher se submete ao casamento com medo de decepcionar a família devido os custos pagos pelo marido ou pelo abandono da sua própria família. Nas sociedades em que é determinada o que as mulheres/meninas podem e o que não podem fazer, os meninos/homens tenham tendência de ter um pensamento de superioridade, machismo e dominação.

Quando se trata da dominação deparamos com questões ligadas a violências. O autor aponta que, as meninas e mulheres são frequentemente alvos de violência baseada no gênero dentre elas, violência doméstica, tráfico de pessoas, a mutilação genital feminina, estupro, abuso e exploração sexual de menores, prostituição forçada. Ainda acrescenta que violência sexual é cometida muitas das vezes por autores conhecidos das meninas e mulheres envolvendo namoro e vínculo conjugal (esposo/parceiro) ou pelas pessoas próximas, membros da família (primos, vizinhos, tios) no espaço doméstico, o que contribui para sua invisibilidade. Em alguns casos, a vítima é ameaçada a morte e agredida fisicamente para garantir o seu silêncio. Esse tipo de violência acontece nas várias classes sociais e nas diferentes culturas. Como se pode ver, nem toda a comunidade opta pela justiça quando deparam com casos como estupro, alguns se preocupam em honrar a família do que punir o estuprador, ou seja, em algumas sociedades, quando a menina ou mulher foi abusada sexualmente por um homem, seja da família ou fora dela, o estuprador é obrigado a casar com a vítima.

“A violação é considerada em certas culturas em ato imoral e antiético, e algumas famílias insistem para que as meninas vítimas da violação sexual casem com os autores do crime, de forma a restituir a honra da família” (BATICÃ, 2015).

Isso quer dizer que a sociedade considera o casamento como uma forma de “punição” que o estuprador recebe pelo seu ato imoral e antiético. É um ato inconcebível que se pode colocar a frente dessa situação tão alarmante. É condenar uma menina/mulher a viver o resto da sua vida com o homem que tirou a sua paz, sua liberdade e sua felicidade. Esse

comportamento é traumatizante pode levar a vítima a morte. A cultura guineense precisa urgentemente mudar sua forma de pensar e agir. Existem costumes que ao invés de salvar, acabam matando aos poucos suas mulheres. A única forma de acabar com atos violentos é punir o responsável por eles. O estupro merece no mínimo ser preso pelo seu ato bárbaro. Mas infelizmente a cultura como sendo fio condutor da sociedade incentiva-o a repeti-los e ganhar mais mulheres.

Uma outra situação da qual não vamos aprofundar muito é a poligamia que até então é vista na sociedade guineense. Homens casados com mais de uma mulher. As mulheres tornam “objeto sexual” desse homem que na maioria das vezes não trabalha e é sustentado por essas mulheres. Sem contar com o conflito entre essas mulheres dentro de casa.

Outro motivo é o “tabu”. Na sociedade guineense as meninas/mulheres são praticamente proibidas de falar sobre determinados assuntos: Sexo; menstruação. Isso faz com que a menina/mulher desconheça métodos contraceptivos. O autor aponta que “as meninas/mulheres de famílias pobres não conseguem ter informações sobre métodos contraceptivos”, falar dos cuidados e riscos de gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis não é questão de pobreza, mas sim de diálogo.

A violência doméstica também ocorre na sociedade guineense como as meninas. Os irmãos mais velhos, tios, pais, têm o “direito” de bater nas meninas alegando que é uma forma protegê-las e repreendê-las. Assim como os namorados e maridos acham que têm um determinado poder sobre suas namoradas.

No mercado de trabalho, a presença da mulher é notoriamente baixa devido a falta delas nas escolas.

“Apenas 13% dos professores que recebem formação pedagógica são mulheres. Entre as professoras qualificadas a maior parte foi trabalhar nas ONGs e no sector privado, deixando pouco número de professoras nas escolas públicas”. (BATICÃ, 2015, pag.31).

Devido ao atraso ou a falta de pagamento dos salários em escolas públicas e a pobreza do país, muitos profissionais optam pelas organizações não governamentais. Na política também se percebe fraca participação das mulheres. Barros e Semedo, (2013) afirmam que devido à organização das mulheres, os sucessivos governos da Guiné-Bissau, através das pesquisas detectaram que as causas de tudo isso são: os fatores educacionais, culturais, histórico, econômico, educação familiar. A mudança se percebe no crescimento do número das mulheres nas escolas, nas instituições, e nas tomadas das decisões. A presença das meninas/mulheres nas escolas, universidades, mercado de trabalho, tem um número significativo. principalmente nas escolas de formação superior na Guiné-Bissau assim como fora do país cresceu bastante. Isso

significa que no ensino básico/primário estão trabalhando numa forma positiva para a escolarização das mulheres/meninas.

Atualmente, reitera-se que, embora continua-se a buscar as vias mais sólidas pela emancipação feminina, pois, tornou-se uma necessidade imperiosa a presença da mulher em todas as esferas sociais, concluindo-se que, é muito mais do que uma forma de auto afirmar-se (BATICÃ, 2015).

Tem sido criada associações das mulheres para emancipação dos direitos das mulheres. A luta coletiva da conquista dos lugares que a muito tempo foram tiradas deixando paulatinamente de ocupar com os cuidados de filhos, maridos, casa, para ocupar cargos nos lugares públicas. O empoderamento feminino está cada vez mais presente na sociedade guineense o que resulta a diminuição das violências baseadas no gênero.

3 A ETERNA PAIXÃO: A NAÇÃO GUINEENSE E A IMAGEM FEMININA EM ABDULAI SILÁ

3.1 VIDA E OBRA DO ESCRITOR

Abdulai Sila nasceu em 1 de abril de 1958 em Catió, uma pequena cidade no sul da Guiné-Bissau, onde cresceu e frequentou a escola primária. É empresário desde 1985, dirigindo uma firma de serviços eletrônicos (SITEC) “Sila Tecnologias”. Sila foi o co-fundador da principal fornecedora do acesso à internet na Guiné-Bissau. Também foi o co-fundador da revista cultural Tcholona. Fundou Juntamente com Teresa Montenegro e Fafali Kouduwa, a primeira editora privada guineense Kusimon Editora e através dela têm contribuído para o estímulo da literatura e obras guineenses. A editora lançou até então mais de 20 obras, incluindo romances, contos, ensaios e dramas.

Abdulai Sila foi um dos que constituíram o UNEP, um pequeno núcleo de intelectuais fundadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, em Guiné-Bissau. Essa instituição reconhecida internacionalmente, desenvolve estudos teóricos e eficientes nas áreas de ciência económicas, políticas e sociais.

A partir de 1986, Sila participou e ainda participa, com sucesso, em vários cursos de formação nos Estados Unidos de América e em outros lugares. Além da sua paixão e compromisso para com o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) tinha desde mais novo, o interesse pela literatura e escrita. Silá é autor de quatro romances e três dramas publicados. Sem contar com o grande mérito de ser considerado uma das mais destacadas vozes da literatura guineense contemporânea, sendo autor do classificado primeiro romance guineense, **Eterna Paixão** publicado em 1994, com a colaboração da editora Ku si mon em Bissau. Em 1995 lançou a primeira edição do seu segundo romance **A última Tragédia** pela editora Ku Si Mon e em 2006 foi publicada a segunda edição pela Pallas editora (Rio de Janeiro). Em 1997, lançou a primeira edição do seu terceiro romance **Mistida** pela mesma editora Ku Si Mon e em 2016 lançou seu quarto romance intitulado **Memórias Somânticas** também pela mesma editora.

As três obras dramáticas escritas pelo autor se destacam: A primeira edição da sua obra dramática **As Orações de Mansata** foi publicada em 2007 pela Ku Si Mon editora. Essa obra foi inspirada em Macbeth do dramaturgo William Shakespeare. É uma peça teatral dividida em seis atos sobre as lutas na cúpula do poder de um pequeno reino ficcional. Em 2013, publicou

a primeira edição da sua segunda obra com o título **Dois Tiros e Uma Gargalhada**. E em 2018 publicou pela mesma editora, a primeira edição da sua terceira obra dramática **Kangalutas**.

Além dos romances e dramas, Silá tem vários trabalhos publicados em diferentes revistas de grandes renomes como Tcholona, Soronda e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa na Guiné-Bissau, INEP, na qual participou na criação tanto da revista como do instituto. Também publicou artigos sobre estudos para o uso de energia e tecnologia em Guiné Bissau entre os anos de 1986 e 1998.

Silá além de engenheiro, escritor, economista é também Investigador Sênior associado da University of Maryland (Senior Visiting Fellow, 2005) e Embaixador Regional (Regional Botschafter) da Technische Universitaet Dresden desde 2011. Foi Presidente da Associação de Escritores da Guiné-Bissau nos anos 2013 – 2017, tendo sido recentemente eleito Presidente da Direção do PEN Guiné-Bissau.

3.2 A ESCRITA DE ABDULAI SILÁ

Segundo o pesquisador Russell G. Hamilton (1999) no seu artigo **A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial** (1999), apesar que o PALOP têm muito em comum com as ex-colônias anglófonas e francófonas, existem singularidades marcantes que fazem com que as literaturas pós-coloniais dos países africanos como Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe sejam diferentes daquelas das ex-colônias anglófonas e francófonas. Hamilton ainda aponta que o multi-racialismo é um dos fatores que explica essa diferença. A mistura de raças que se encontrava, por exemplo em Angola e Moçambique, não se encontra em nenhuma sociedade anglófona.

“A partir dos anos 40, nas duas colônias portuguesas grupos relativamente pequenos, porém significativos, de intelectuais e escritores negros, mestiços e brancos uniam-se sob a bandeira do anti-colonialismo. (Hamilton 1999, p.16). Esses escritores passaram a criar e recriar literaturas com conteúdo sobre culturas e tradições africana. Enquanto que nos países francófonos. “poucos colonos e filhos de colonos se integraram nas fileiras dos escritores anti-colonialistas.” (*ipud*, p.16).

O autor realça que, mais ou menos nas últimas três décadas da época colonial a linguagem literária, ou seja, os assuntos relatados por meio da literatura (poemas, contos, romances) tinham mensagens de reivindicação da cultura africana e combate às imposições, de revoltas e reclamações. Os nacionais queriam trazer de volta a sua cultura que há muito tempo havia sido

desvalorizada. Essa nova visão vinha preparando os cinco países de PALOP para a nova forma de escrita pós-colonial.

Naturalmente, os poemas, contos, romances e peças teatrais de reivindicação, protesto social e combatividade opunham-se ao regime colonial. Aliás, há quem afirme que de menor ou maior grau uma obra literária de qualquer sociedade e de qualquer época ou apóia ou contesta o regime vigente. Assim, nos PALOP, seguindo-se à vitória dos respectivos movimentos de libertação, surgiu uma literatura que celebrava a derrota do regime colonial, proclamava a revolução social e celebrava a (re-)construção nacional. (Hamilton, 1999, p.16).

Ao invés de exaltar a imagem do colonizador, os escritores negros tinham como objetivos: recriar sua literatura, expor a situação real da época colonial, enaltecer sua identidade africana e vangloriar seus heróis. “Verificava-se uma tendência entre escritores nacionais a re-escrever e assim re-inventar a África e os seus respectivos países, tanto do período pré-colonial como colonial. (Hamilton, 1999, p.16).

Os antigos colonizados e os seus descendentes, mesmo com o fim do colonialismo oficial, avançam para o futuro de costas, por assim dizer. Isto é, ao contrário dos pós-modernistas, que carregam o passado nas costas mas que fixam os olhos no futuro, os pos-colonialistas encaram o passado enquanto caminham para o futuro. Quer dizer que por mal e por bem o passado colonial está sempre presente e palpável. Está presente na forma da ameaça ou realidade do neo-colonialismo, isto sendo uma dependência econômica com respeito à antiga metrópole e às multi-nacionais. Os des-colonizados ainda têm que viver com a herança indelével do colonialismo. (Hamilton, 1999, p. 17).

A literatura pós-colonial, por um lado, trata do verdadeiro passado dos colonizados, por outro lado, recria sua literatura valorizando sua cultura (línguas, costumes, crenças), seus heróis (digamos heróis, pois a história das mulheres foi apagada e esquecida).

Nos seus romances, Sila traz o colonialismo e a ideia do nacionalismo. Segundo Moema Parente Augel, “Para tentar compreender o fracasso da independência, o escritor faz recuar a ação de **A última tragédia** (1995) ao período colonial, procurando aí uma explicação para a origem e as causas dos males atuais.” (AUGEL, p.305). Ou seja, o objetivo principal da obra do Abdulai Sila é a transformação da sociedade guineense depois da colonização. O fracasso a que a autora se refere não aconteceu em termo geral, ou seja, nem tudo foi “fracasso”. De antemão, a independência foi uma conquista enorme, o resgate da cultura do povo guineense é mais um sucesso que numa forma ou doutra no impossibilita a dizer que “fracassou”. Além do mais, os líderes tanto africanos no geral, quanto guineenses não tiveram a intenção de perder ou “deixar fracassar” o que a muito tempo lutaram para conquistar. Foram anos de lutas, sacrifícios, perdas e por fim ganhos. A autora acrescenta “Sila mostra-se especialmente hábil

em captar os conflitos entre a mentalidade do colonizador e a dos nacionais” (Augel, p.305). E ainda explica que:

A convergência entre a cultura europeia (no caso portuguesa) e a africana tradicional pode mesmo acontecer – e aconteceu em muitos momentos -, mas trata-se de um processo traumático, envolvendo transformações políticas e sociais por muitas gerações.” (Augel, 2007, p.307).

Em **A última tragédia** tanto a cultura europeia quanto a cultura nacional, aparecem de forma visível nos olhos de quem lê. Augel mostra que, Silá traz nessa obra dois mundos: Quinhamel representando um microcosmo territorialmente circunscrito [...] o mundo do “outro”, o mundo dos africanos com seus usos e costumes específicos, suas regras, suas hierarquias a crença no sobrenatural e no encantamento (Augel, 2007, p. 309). Duma forma bem específica, Silá explana os costumes duma das etnias guineense- pepel – onde tem uma figura máxima que ordena e toma as decisões nas tabankas³, O régulo⁴. Também fala do casamento tradicional (o régulo tem direito de escolher com quem e com quantas mulheres ele quer casar, obrigatoriamente essas moças têm que ser “puras” virgens.). É pertinente usar esses elementos culturais das realidades africanas, ou seja, guineense, mas, seria conveniente discutí-los. A questão da escolha da esposa como um direito apenas do homem e não da mulher não poderia passar como algo simples e natural, mas sim precisam ser abordadas com mais ênfase. Afinal, o que fez Daniel Baldwin se apaixonar por esse país africanos e decidir entregar sua eterna paixão á ele, são suas diversidades, os próprios elementos da terra, suas práticas culturais, suas riquezas naturais, o solo que o afro-americanos acreditava que poderia valer recursos, e entre outros elementos ricos que existem nessa sociedade. Esses recursos são, portanto, uns dos vários fatores que fez com que os europeus invadissem os países africanos.

O outro mundo citado pelo Sila é o dos portugueses, o mundo da capital “a igreja e o catolicismo, a escola, a casa luxuosa e grande com os requintes da vida moderna, a pertença superioridade do dominador” (Augel, p. 309).

Segundo o autor, os colonizadores ficaram inconformados com a evolução da sociedade tradicional. Um africano formado, um régulo livre-pensante capaz de criar formas positivas de governar, não permitindo que a população pagasse impostos, o que é para os portugueses inadmissível. A evolução dos chefes de tabanka (aldeias) e suas resistências em confronto com o sistema político colonial era visto para os portugueses como um núcleo de rebelião.

³ Tabankas- são aldeias situadas no interior do país.

⁴ Régulo- é o chefe máximo da tabanka. Aquele que possui poder de impor as regras. O único que decide o destino do seu povo.

Abdulai consegue empreender a quadratura do círculo reunindo o tradicional com o moderno para assim compor sua nação imaginada, fundando uma (nova) alteridade que põe em relevo a descontinuidade entre o “mundo do preto” e o “mundo do branco” (Augel 2007, p.309).

A convivência entre esses dois mundos não saiu como planejado no imaginário do autor. O africano formado foi acusado pelo assassinato do administrador português e foi condenado. Isso nos faz perceber que o poder e a lei do colonizador que algum tempo reinou nas sociedades africanas ainda se percebe, embora pouco, essas sociedades. As leis tradicionais foram silenciadas. O sociólogo Stuart Hall no seu trabalho “As culturas nacionais como comunidades imaginadas”, sublinha que:

As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de "teto político" do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas. (Hall, 2003, p. 47-48).

Ainda acrescente que essa criação de uma nova cultura nacional deu origem a padrões de alfabetização universais, ou seja, criou uma cultura única, homogênea. Isso fez com que uma única língua vernacular seja predominante em toda a nação, e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. (Hall, 2003).

As nações africanas estão assimilando mais os costumes do colonizador no que diz respeito a questão linguísticas, políticas, culturais e socioeconômicos. Atualmente a língua do colonizador é o assunto em discussão entre os intelectuais, escritores africanos e africanistas.

A ideia da nação guineense pós-colonial é vista numa forma mais explícita nos dois romances de Abdulai Sila: **A Eterna Paixão** e **Mistida**. Em **A Eterna paixão**, Silá traz como personagem principal um afro-americano, estimulado pelo seu colega de faculdade, começou a pensar sobre sua raiz africana e decidiu “regressar” para África ao ponto de auto identificar-se como africano, negando ser estrangeiro, apresentando-se como “filho de emigrante”. Recordemos o argumento de Hall quando afirma que “o argumento que estarei considerando aqui é que, na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.” (Hall, 2003, p.47).

O objetivo desse jovem engenheiro agrônomo não era apenas de voltar suas raízes, mas também de “contribuir com seus conhecimentos e seu trabalho para a construção daquela nação, recém-libertada do jugo colonial” (Augel, 2007). Depois de ter ingressado em África, o protagonista que foi perseguido politicamente, preso, e maltratado, perdeu a vontade de

continuar no capital e refugiou para uma aldeia chamada Woyowayan onde nasceu e cresceu a sua antiga empregada Mbubi. Daniel Baldwin mergulhou nas tradições africanas, aprendeu rapidamente a língua e deixou de lado suas roupas ocidentais e abraçou as tradicionais. Para realizar seu grande sonho de contribuir para a nação africana, Daniel construiu uma escola em Woyowayan começando assim a mudança dessa pequena aldeia. Sila traz o protagonista afro-americano com o desejo de voltar para a África, terra dos seus avós, para conhecer sua ascendência seu chão. Com isso o escritor valoriza a importância da nação, o espírito da pertença um lugar que ele pode regressar a qualquer momento. “Para os descendentes de africanos nas américas, marcados pelos estigmas da escravidão, a imagem da África representa um papel de suma importância, se bem que de modo nenhum uniforme e único” (Augel, p.311). Conhecendo suas raízes, os afro-descendentes guardam na memória o sofrimento do seu povo escravizado. Por isso que Sila traz em Daniel Baldwin como o conhecedor da sua história e pelo amor a sua nação decidiu lutar contra o racismo, pela liberdade e oferecer sua contribuição na base da sua formação acadêmica começando por uma pequena aldeia. Para Daniel a sua grande paixão é a construção duma nação desenvolvida, com escolas, agricultura elevada etc. Augel ressalta que essa aldeia é mais uma metonímia da nação imaginada por Abdulai Sila, pois o autor insiste em nos fazer acreditar que há possibilidade de transformação das nações africanas. Seguiremos na mesma linha de dúvida com que teve Hall quando ele questiona: “Mas como é imaginada a nação moderna? Que estratégias representacionais são acionadas para construir nosso senso comum sobre o pertencimento ou sobre a identidade nacional?” (Hall, 2003, p.48)

No seu terceiro romance, Sila afronta a supremacia dos governantes que se consideram detentores do poder no país. Depois da independência na Guiné-Bissau, os governantes guineenses desestabilizaram as leis dando mais visibilidades aos abusos e ao fracasso da existência da nação. A população vivia duma forma limitada enquanto que os detentores do poder quebravam as leis e faziam tudo fora dela. “Abdulai Sila procura exprimir sua decepção e sua preocupação de estratégias de representação, servindo-se da transgressão às leis da narratologia tradicional para um decalque metonímico e metafórico do estado de espírito de muitos guineenses diante de suas esperanças frustradas.” (Augel, 2007, p.315). Sila mostra sua infelicidade perante a situação atual do país. A nação como sempre presente nas obras do autor e aparece frequentemente como uma situação bastante preocupante. Segundo Augel, o teórico crítico inglês Homi K. Bhabha (1998) acredita que Sila “busca, nos dez episódios de **Mistida**, outras formas de representação, outras metáforas para “imaginar” sua comunidade [...], outras fontes simbólicas e afetivas para tramar a narrativa da nação.” (Augel p. 315). O autor explica que, Sila registrou em **Mistida** diferentes consequências da ação em torno de um roubo

extraordinário – o roubo da memória. Para Augel esse crime refere-se à realidade de um país, embora Sila não o especificou, mas, o leitor consegue ter uma ideia de que país o autor se trata. “Ceifaram as esperanças, [...] adiaram as palavras, [...] queimaram as promessas”, e onde “as noites se puseram sem estrelas no céu” e se “cantaram os hinos da violência” “(Sila 1997b, p.155; Augel 2007, p.317).

Na luta pela a independência, a população criou esperanças, os que estavam a comandar o país durante a guerra de libertação olhavam para seu povo e dirigiam palavras cheias de promessas. Essas palavras incentivaram-nas a continuar a luta e criaram cada vez mais a vontade de lutar e recuperar o que lhes pertencia. Infelizmente, foram roubadas essas esperanças quando os seus governantes não cumpriram com suas obrigações. Para Sila, ao invés do hino da paz, do grito orgulhoso da independência, “cantaram o hino da violência” a violência falou mais alto, reinou perante a comunidade.

Nesse romance Sila traz personagens com pensamentos e comportamentos egocêntricos – anti-heróis - Personagens que tentam fugir da destruição causada pelo desespero da consequência dos seus atos (o roubo da memória). Essas personagens representam o estado desestruturado que o país atravessa. “Um deles perde o dom da fala, outro perde a vontade de ver, um outro não mais consegue ouvir, muitos não sabem nem mesmo ter sentimentos, [...]” (Augel, 2007, p.317). O autor numa forma proposital e provocador traz num dos seus capítulos do romance “a perversão sexual” para mostrar o quão profundo a quebra das promessas da luta (que sempre foi o símbolo da dignidade, caráter, da moralidade e da ética) afetou a população e a sociedade civil numa forma agressiva. Ao mesmo tempo, busca caminhos da identidade nacional delineado. É o que Hall chama de mito fundacional: “uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo "real", mas de um tempo "mítico"” (Hall,2003, p.49). Sila nas suas obras em que ele trata do processo de formação da nação guineense, da nação imaginária, da luta entre os colonizadores e colonizados, trouxe diferentes classes sociais, diferentes grupos étnicos, diferentes gêneros, porém, percebe-se que, os protagonistas que destaca e os que confrontam situações de luta pela nação são sempre homens (Daniel Baldwin, o régulo, o comandante, o comissário político, Nham-nham) - Os nacionais são sempre prejudicados (A última tragédia – o professor que foi condenado, o comandante e o comissário que enganou o povo), as protagonistas são sempre rotuladas (traição, estéticas, mães, empregadas domésticas). Além disso, Sila se preocupa com a situação do país, da nação, o que o faz voltar ao processo colonial, a guerra da libertação, a questão política do país no período pós-colonial. Mas, vale lembrar que desde a independência até o ano corrente, a nação guineense também teve algumas

mudanças positivas. Os próprios guineense fizeram crescer seu país de várias formas. Quando formos tratar da nação guineense pós-colonial é bom lembrarmos que os nossos antepassados (mulheres e homens) fizeram um trabalho de vangloriar. As vezes esquecemos de ressaltar tal ponto bastante fundamental.

Um outro ponto fundamental que gostaríamos de lembrar é a ideia de associar o povo africanos a uma cultura homogênea. O pesquisador Russell G. Hamilton, explica que o escritor anglo-ganês Kwame Anthony Appiah nega a ideia “purista” de uma cultura africana única. Para ele, ao falarmos sobre a África devemos considerar dois fenômenos principais como o neo-tradicionalismo e o hibridismo (Hamilton 1999). O hibridismo para Appiah é a mistura de duas ou mais nacionalidades diferentes. Um exemplo do hibridismo é o próprio Appiah que nasceu em Gana filho de uma inglesa e de um pai do grupo étnico achante. As várias raízes da qual Appiah faz parte o fez tornar híbrido, ou seja, mistura de componentes “sangues” diferentes numa única pessoa. O neo-tradicionalismo tem a ver com a mudança que acontece dentro das tradições africanas. Surgiram novas práticas e algumas se perderam ou foram desconsideradas. Seja pelo surgimento de novas práticas, seja pela perda de algumas. Nos cinco países africanos de PALOP (Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), cada país tem sua cultura, suas tradições, seus hábitos, sua singularidade que marca o cenário africano. Portanto não podemos ocultar essas variedades considerando a cultura africana duma forma única.

Appiah no seu livro **Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura** (1997), ele trata no capítulo o “mito de um mundo africano”. Ele explica que, os afro-americanos criaram suas relações com a África partindo do conceito intermediário de raça. E acrescenta que, eles adquiriram esse conceito a partir de uma matriz cultural euro-americano. Motivo pelo qual, segundo o escritor, a resposta dos afro-americanos sobre a questão da identidade africana se baseava no racismo românico que foram tão centrais para os nacionalismos europeus no norte americano do último século e meio. (Appiah, 1997, p. 111). Essa idealização de raça e racismo fez com que os africanos assumissem a bandeira do nacionalismo negro pan-africanista⁵ desde a segunda Guerra Mundial. Um dos motivos fortes da crítica no campo literário acadêmico é o movimento pela descolonização da literatura África. O nativismo de [Towards the Decolonization of African Literature]. (*apud*, Appiah, 1997). Todavia os africanos estavam cobertos de orgulho das suas tradições.

⁵ O pan-africanismo é um movimento político, filosófico e social que promove e defende dos direitos e a unidade do povo africano tanto na África assim como em diáspora.

Os padres missionários cristãos, “Blyden e Grummell, podem ter sido liberianos, mas suas simpatias foram restringidas por sua formação norte-americana” (apud, 1999). Existem próprios africanos que acham que ser africano é ruim e preferem refugiar noutras nacionalidades. “Du Bois, apesar de ganharem ao morrer, nunca buscou uma compreensão profunda das culturas em que passou seus últimos anos de vida.” (Appiah, 1999, p. 111). Os que não o são da origem raramente aceitam conhecê-la profundamente.

Appiah argumenta que,

se há uma perspectiva, acima de todas, que resume essas mudanças no mundo anglófono, ela não é a dos padres e missionários cristãos (como Blyden ou Grummell), nem a dos sociólogos (como Du Bois), nem a dos críticos (como Chinweizu e seus colaboradores), mas a do escritor. (Appiah, 1999, p.111-112).

Enquanto uns se deixam levar pela cultura preconceituosa acerca da identidade africana, outros afirmam categoricamente o quão pessimista um africano pode ser quando diz respeito a sua identidade. Appiah (1999) traz a importante descrição do romancista Chinua Achebe quando fala que: “É verdade, é claro, que a identidade africana ainda está em processo de formação. Não há uma identidade final que seja africana. Mas, ao mesmo tempo existe uma identidade nascente”. E ainda acrescenta “penso que faz parte do papel do escritor estimular a criação de uma identidade africana” (Achebe; Appiah 1999, p.112). A literatura, as narrativas africanas são veículos de extrema importância capazes de fazer o povo africano valorizar o seu mundo desde o período colonial até os dias atuais. São elas, portanto, que podem ajudar na projeção do futuro africano. Ficcionalistas hábeis como o escritor nigeriano Wole Soyinka. Appiah (1999), descreve

Ao ler Soyinka, ouvimos uma voz que saqueou os tesouros da enunciação literária e vernacular ingleses, com um ecletismo que estonteia sem desconcertar, e que descobriu uma linguagem incontestavelmente sua. Pois – e é isso que importa – por mais ressonância que ouçamos, Soyinka escreve de um modo que nenhum autor inglês ou norte-americano contemporâneo poderia escrever. É importante compreender por que isso se dá. Pois, a resposta está na raiz do projeto intelectual e literário de Soyinka. (Appiah, 1997, p.113).

Só porque Soyinka não escreve como os ingleses gostariam que ele escrevesse, não significa que ele não escreve “bem” ou que sobre o que ele escreve deixa de fazer sentido. As vezes nos enganamos ao pensar que a linguagem do colonizador ou escrever como são delimitados a norma padrão do colonizador é o que mais importa.

O que pretendemos discutir é a questão do rótulo e das homogeneidades da cultura africana. A percepção do `mundo africano`. Appiah denomina slogan (como a diferença entre

a busca do eu e a busca de uma cultura) fato que explica a grande diferença entre os projetos dos escritores contemporâneos europeus e africanos (apud, 1997:113). Os africanos estão na luta constante de recriar e reconstruir sua cultura, recuperar seus costumes e crenças, pois seu passado não lhes dão a opção de desligar dele. Segundo o filósofo (1999), quando o escritor queniano Ngugi wa Thiong'o diz que:

“o romancista, em sua melhor forma, deve sentir-se herdeiro de uma tradição contínua”, ele não está pretendendo referir-se, como poderia supor um ocidental, a uma tradição literária: refere-se, como saberia qualquer africano, à “corrente central do drama histórica de seu povo”. (Ngugi, Appiah, 1999, p.115).

A descolonização é o motivo comum que os africanos tiveram durante o período colonial. O mesmo originou a união desses países, porém, a união da qual se trata não é a união das culturas e das práticas culturais, ou que a África é um só. O fato de o africano não perguntar como diz o autor, “quem eu sou”, mas sim “quem somos nós?”. Meu problema não é apenas “meu”, mas, “nosso”. não faz deles um povo único com uma cultura única e muito menos “nativos” ou inferiores. África tem uma mistura de diversas culturas, raças, línguas e tradições contando que é um continente com 54 países. Por essa razão que Appiah e outros escritores, consideram o hibridismo como componente indispensável da pós-colonialidade. Para lidar com essa diversidade africana, considerando a fala de Appiah (1999), tornando-o global para todos os fatores raciais: “Ora, evidentemente, a única maneira de superar os mal-entendidos que venho discutindo é reconhecê-los e transcendê-lo; não se consegue nada ignorando-os.” (apud, Appiah, 1999, p.15).

Vale ressaltar que não estamos afirmando que o escritor Abdulai Sila não diferencia esse fato, a questão é que na sua obra **A eterna paixão** (1994), o escritor não denominou em que país da África o afro-americanos residiu. Em que país da África o estrangeiro é maltratado e abandonado na rua, sem ajuda do próximo?

3.3 A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO GUINEENSE

Antes de começarmos a tratar da nação guineense pós-colonial, iniciaremos pelo período colonial embora, começar por ali não estaremos começando do início. Segundo a pesquisadora Letícia Valandro (2010) no seu trabalho **Memória e construção da nação guineense**, realça que no final do século XV quando as potências europeias iniciaram a expansão marítima,

Portugal sendo país do pioneiro europeu dominou terras de Africa, Asia e América fazendo delas suas colônias e contruiu seu imperio.

Dentre esses territórios dominados os países da Africa foram os que permaneceram mais tempos sob o domínio do colonizador. Só foram finalmente considerados como países independentes atavez da Revolução dos Cravos, em 1974, embora, a Guiné-Bissau numa forma excepcional, tenha proclamado unilateralmente sua independência já em setembro de 1973. (Valandro 2010, p.34). ‘O grande interesse das metrópoles na conquista e manutenção de colônias era de natureza econômica’ (Valandro 2010, p. 35). Como havíamos dito, a nação guineense já existia antes da colonização, ou seja, a maioria dessas terras tinham habitantes “filhos da terra”. Essa é uma das primeiras dificuldades que impediu a ocupação imediata dos portugueses. Sendo assim, decidiram usar estratégias que lhes permitam garantir a posse das terras dos nativos. A autora explica que “nesse sentido, houve, sempre, conflitos, já que a ocupação nunca ocorreu de forma pacífica” (Valandro 2010, p. 35). A imposição dos colonizadores e a resistência dos nativos teve como consequências (Valandro, 2010), guerras envolvendo armas de fogo, reestruturação das imagens (do povo, do país), idéias, formas e representações (culturais, costumes). Para a autora a caracterização da nação nesse contexto compactua com a do sociólogo Stuart Hall (2006) quando fala que a nação não é “apenas uma entidade política mas, algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural” (Hall, 2006, p. 49. *Itálicos no original*), que desempenha papel decisivo. É no interior dessa representação que, segundo Hall, as identidades nacionais são formadas e transformadas (*ibid.*, p. 48;). A base de toda nação é a sua cultura (conceitos, ações, ideias), das quais seu povo se sinta identificado ao ponto de lutar por ela. (Valandro 2010, p.35).

Houve relatos de que a história contada por alguns escritores e historiadores sobre a colonização não passa de um simples “boatos”. Valandro confirma esse fato a partir do discurso do pesquisador Edward Wadie Said:

De acordo com Edward Said, tanto o colonialismo (exploração com a implantação de colônias), quanto o imperialismo (exploração à distância), foram “sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação” (Said, 1995, p. 40). E essa ideologia estava apoiada na crença da superioridade do colonizador que possuiria um dever quase metafísico de levar a civilização e a salvação da alma aos povos primitivos (Valandro, 2010, p.35).

No caso da Guiné-Bissau, particularmente, o país não é mais o mesmo e nunca será depois do que passou durante o colonialismo. Varias tentativas foram feitas com o intuito de voltar ao que era antes dos portugueses, mas, sempre houve insucesso.

Existem muitas obras que discutem a questão do colonialismo e das consequências que desta no presente e a sua influencia futura. O passado está tão presente na vida do povo que vinha lutando para sobreviver, o passado que segundo Valandro (2010), o teórico Jan Assmann (2008), pontua que o passado que se recorda é diferente do passado que se investiga. Pois esse passado tem “El pasado que se recuerda tiene un carácter apelativo, una cualidad ‘mito-motora’. Es una fuente de aspiraciones y de orientación, un fundamento, pero también un desafío para el presente y una fuerza impulsora hacia el futuro [...]. Ainda acrescenta que “No se trata del pasado como tal, ‘como realmente fue’, sino siempre sobre aquello que significa algo para el presente y cómo es en el presente actual” (apud, Assmann, 2008, p. 233; Valandro, 2010, p. 38). A memória entra como elemento fundamental da ligação ente a literatura e a história. Assmann explica: “ la diferencia entre hechos y ficciones, cuando se trata de recuerdo y no de investigación histórica, no tiene la menor importancia. Quizás estribe en eso la principal diferencia entre memoria e historia” (ibid., p. 232, Valandro, 2010, p.38). Para o teórico (2008) a memória tem duas bases: uma é neuronal e a outra é social, (Valandro, 2010, p.28). O teórico apresenta a ideia do sociólogo Maurice Halbwachs, para quem “la memoria es un fenómeno social” (Assmann, 2008, p. 17, Valandro, 2010:38). Quando se refere a memória como algo social, vem a ideia do coletivo. A partir daí que surge o conceito da memória coletiva que surge do interior do indivíduo devido a interação e comunicação com os outros no lugar que ela pertence/ocupa na sociedade. A memória coletiva segundo Assmann (2008) consiste em invocar histórias e convocar objetivos políticos comuns. As datas comemorativas, os ritos, as festas, as bandeiras os monumentos, as músicas nacionais, são os principais meios desta forma de memória. (ibid., p. 23-24, Valandro, 2010, p.39).

Também existe outro tipo de memória denominado memória cultural, que segundo Valandro (2010), a base memória é a tradição passada ao longo das gerações numa vertical. Quer dizer, além do caráter coletivo da memória, possui, também, seus aspectos culturais, baseadas nos costumes, nas tradições, nos símbolos de uma sociedade. Os sentidos criados pela cultura nacional, capazes de promover essa identificação (Valandro, 2010), “estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (ibid. Hall, p. 51). Valandro argumenta que a literatura, como monumento coletivo e cultural, pode ser considerada segundo a historiadora Rosani Ketzer Úrsula Umbach tanto “mimese da memória” (Umbach, 2008, p. 12), quanto “veículo da memória coletiva” (ibid., p. 12). Se considerar a literatura como mimese, “aparece como meio estético e ficcional através do qual os discursos da memória podem ser observados.(Valandro, 2010, p.40) ao passo que se considerar como veículo, ela pode atuar “na formação de versões

do passado, na construção de identidades coletivas, na negociação de memórias concorrentes, funcionando inclusive como instância de supervisão crítica de processos culturais relacionados à memória” (Umbach, 2008, p. 12; Valandro, 2010, p.40).

A memória e a literatura juntas conseguem atingir o ponto profundo das identidades e das nações, criando ideias de caráter nacionais e transmitindo-as através das suas funções. Com essa ligação que a literatura tem com a memória conseguiram criar uma das bases das ações e reações colonialistas e também desempenham papel fundamental no período pós-colonial.

Falando especificamente da colonização na Guiné-Bissau, segundo Valandro (2010), foi em 1446 que o navegador português Nuno Tristão chegou ao território da atual Guiné-Bissau. Vale lembrar que esse lugar foi utilizado *a priori* como posto para o tráfico de escravos, que é uma das principais e mais rentáveis atividades econômicas de Portugal durante os séculos XVII e XVIII. Segundo Valandro (2010) foi em Lisboa, na Casa dos Estudantes do Império⁶, que os estudantes africanos que viviam lá, iniciaram as discussões e planejamento das ideias de liberdade. Estudantes esses que desde sempre tiveram um sentimento de pertencimento pelas suas colônias e tornaram hoje os grandes líderes: Agostinho Neto, de Angola, e Amílcar Cabral que nasceu na Guiné, mas foi criado em Cabo Verde. O conflito desenvolvido no sistema de guerrilha durou 11 anos, porém alcançou a proclamação unilateral da independência pela Guiné em 24 de setembro de 1973, embora Portugal só veio a reconhecer quase um ano depois, em 10 de setembro de 1974, após a queda da ditadura portuguesa.

O então Primeiro-ministro, João Bernardo “Nino” Vieira assumiu a presidência. Sob seu governo ocorreu a abertura ao pluralismo partidário e novas eleições em 1994 quando, por uma pequena margem de votos, João Bernardo Vieira foi eleito, fato que marcou o início de um dos mais difíceis períodos da Guiné pós-colonial (Valandro, 2010, p. 41).

Devido esse fator, houve um grande conflito civil que deu origem a uma guerra que durou onze meses (de 1998 a 1999) deixando marcas terríveis. Houve então outro golpe de estado, sofrido pelo novo presidente, Koumba Yalá⁷. Em 2005 “Nino” Vieira foi novamente eleito e governou até 02 de março de 2009, quando foi assassinado por militares. É fato que a situação social atual da Guiné-Bissau é a consequência da sua instabilidade política.

⁶ Casa dos Estudantes do Império- É uma espécie de república estudantil. Uma instituição que recebia estudantes de diferentes países das antigas colônias portuguesas para se formarem em Lisboa.

⁷ Koumba Yalá- Foi ex presidente da Guiné-Bissau de 2000 a 2003.

3.4 A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS

O romance de Abdulai Silá **A Eterna Paixão** escrito em 1994, narra a história de um país da antiga colônia portuguesa no período pós-independência. Um período onde reina a individualismo, ou seja, cada um se interessa por si. A desigualdade vem ganhando mais peso. Falta de solidariedade e união, sonhos foram roubados e tudo aconteceu de forma completamente contrária do que tinham esperado ou desejado à nação. Nessa obra, o autor tem como protagonista um afro-americano formando em engenheiro agrônomo que foi para a África e ocupa um cargo de diretoria no Ministério da Agricultura. Mas, o olhar que tivemos dessa obra vai além desse protagonista. Inicialmente pretendemos analisar a posição em que o autor coloca as figuras femininas, ou seja, que lugar elas ocupam nesse romance.

A trama conta com a participação de quatro figuras femininas. Uma jovem chamada Ruth, Mbubi uma senhora serviçal, Sonah a secretária e a mãe de Mbubi uma idosa. Além dessas, há uma personagem que é apenas mencionada em relato, mas, carrega um conceito bastante pertinente para a nossa discussão - a irmã do protagonista.

A pesquisadora Ruth Silviano Brandão, no seu livro **A mulher escrita** (1989), analisa a forma como as mulheres são representadas nos romances dos autores e autoras contemporâneas. Brandão (1989), tem como foco a metáfora da ficção literária no imaginário de quem escreve. Ela deixa claro que a personagem feminina que os homens produzem são construídas a partir das perspectivas masculinas e do que eles criam sobre o ser feminino. Para Brandão, essa figura feminina construída por um imaginário masculino é apenas um sonho alheio. As personagens femininas, nesse romance de Abdulai Silá, ganharam justamente essas características do imaginário masculino do qual se refere a autora. O escritor não limitou seu olhar masculino quando descreve as intimidades da sua protagonista: Ruth é uma moça africana que se formou em economia, porém, sua carreira profissional foi pouco relatada no romance. Diferente da Ruth, a vida profissional das figuras masculinas foi sempre detalhada em quase todos os momentos em que são citadas. Daniel Baldwin por exemplo, foi descrito desde sua formação acadêmica, suas conquistas até o sucesso que teve depois dela. Sila descreveu a estrutura física da moça em todos os episódios em que ela aparece. O mesmo fez com a personagem da secretária Sonah e com a de Mbubi.

“Ela era esbelta, com um andar invulgar que induzia um movimento vibratório às nádegas, fazendo-as sobressair e ganhar uma forma e proporções que não aparentavam ter quando parada.” (Silá, 1994, p. 192). O corpo da mulher exposto através da escrita e numa forma erótica “[...] levava um lenço colorido, dobrado na diagonal, cujas ponta jaziam sobre o

peito, donde se erguiam uns seios redondos que, desamparados, dançavam ao ritmo dos passos.” (Silá, 1994, p. 192-193). Sobre a descrição do imaginário masculino, Brandão (1989), enfatiza que a figura da mulher que circula no imaginário da literatura e da sociedade, surge sempre através dessa erotização. Ela afirma que, qualquer que seja o lugar que a mulher ocupa, nesses escritos, sempre vai ser o lugar da loucura de seu desejo e sempre será associada ao erotismo. (apub, 1998). “[...] Dan ficou olhando a bela figura da secretária [...]”. (Silá, 1994, p. 263).

Dentre as figuras femininas, Sonah e Ruth são as únicas mulheres que tinha uma formação superior avançada, no entanto suas vozes foram ocultadas, quase não se pronunciaram. A desigualdade de gênero se percebe claramente nessas e em outras partes desse romance. Como se a vida profissional das figuras femininas não tivesse grande importância. O autor escolheu falar das mulheres através do que ele quer ou pretende. Nenhuma discussão sobre o que elas são ou pautando suas brilhantes carreiras profissionais, mas pelo que o próprio autor acredita que seja o melhor nelas- a estética. Além disso, destaque-se que Ruth, que é africana e esposa de Daniel Baldwin, norte-americano, é quem representa a má influência, a traidora da pátria e do marido; enquanto ele é quem é o exemplo ético e quem se apaixona pelo país africano.

Isso nos fez lembrar mais uma vez da questão da desigualdade de gênero na Guiné Bissau. Em Guiné-Bissau, por exemplo, os costumes culturais não consideram a vontade das mulheres, e muito menos enxergam o que elas têm de melhor que não seja o corpo. Algumas mulheres nunca frequentaram a escola isso porque a cultura as obriga a casar com idade menor. É do conhecimento da sociedade que uma mulher escolarizada jamais aceitará um casamento de um homem velho com mais de duas esposas. Portanto para manter a poligamia dito “cultura” a oportunidade do conhecimento científico é limitada para as mulheres. Por outro lado, as mulheres que frequentaram a escola não fazem muita diferença, pois, em poucos momentos isso será um fator que impeça a sociedade de oprimi-la. No entanto, na sua obra, Silá opta por colocar a mulher africana formanda em economia, como alguém que trai seu marido afro-americano e seu país.

“Submetido à pressão de alguns amigos do casal, que Ruth habilmente mobilizara para interferir a seu favor, Dan acabara por ceder sem se conformar”. (Silá 1994, p. 236). A filósofa Simone de Beauvoir no seu livro **O segundo sexo** (1970), explica as duas faces dada a mulher.

Há um tempo a mulher é Eva e a Virgem Maria. É um ídolo, uma serva, a fonte da vida, uma força das trevas; é o silêncio elementar da verdade, é artifício, tagarelice e mentira; a que cura e a que enfeita; é a presa do homem e sua perda, é tudo o que êle quer ter, sua negação e sua razão de ser (BEAUVOIR, 1970, pag. 183).

As mulheres eram representadas de duas formas, ou aquela que servia o homem, frequentava a igreja, cuidava dos filhos, ou aquela que traía o marido, não frequentava a igreja, não sabia cozinhar e não tinha filho. Há muito tempo atrás a mulher vem sendo representada na literatura de duas maneiras: ou é “santa” ou é “louca. A Eva é aquela que representa a total escuridão, dano, aquela que conduziu o homem perfeito ao pecado, a razão do mundo ter sido punido, aquela que trouxe o mal e a imperfeição ao mundo dos seres humanos. Por outro lado, gabam e exaltam a imagem da mulher perfeita, dona da bondade que trouxe ao mundo o filho unigênito de Deus, a santa. É evidente que, quando a autoria é masculina, o mais frequente é a oscilação entre estes dois pólos, A personagem Ruth é para o autor uma delas. Aquela que rompe a paradigma da sociedade patriarcal e trai o marido.

“- Olha, Dan, não é o que estás a pensar...estávamos somente a...

- Cala essa maldita boca sua cabra. Cala-a imediatamente se não queres que te feche de vez -gritou Dan.”. (Sila 1994, p. 267).

A traição masculina é aceita com facilidade por todas as sociedades, mas, quando é a mulher quem trai, é considerada um absurdo, um ato infame. Em algumas sociedades a mulher é morta, agredida e abandonada por trair. A sociedade patriarcal fez da mulher aquela que deve ter um único homem e servi-lo. A literatura não faz diferente. Como bem ressaltou Brandão (1989), “Nesse espaço, nasce a heroína, romântica, sempre pronta a ser o desejo do desejo de seu herói.” A personagem feminina ganha o título de heroína quando aparece numa virtude como esposa, mãe, amada, a moça bonita de um corpo sensual, a responsável pela realização de todos os desejos masculinos de um herói.

“Recordou-se dos gestos carinhosos dela, amparando-o, conduzindo lentamente a sua cabeça para o peito, onde costumava estacioná-la entre os seios, numa mímica tão excitante e reconfortante que só o bater do coração perturbava” (Sila, 1994, p. 233).

Servir do consolo e proteção dos homens e dos filhos. Ser fiel, ser obediente e compreensiva. São virtudes de uma “boa” esposa e “boa” mãe.

Lembrou-se igualmente do olhar de felicidade e de profundo amor com que lhe anunciara a gravidez. Recordou os olhares de cumplicidade quando se abraçavam e se acarinhavam mutuamente na sala ou na cama, do seu empenho na busca do prazer, da sua entrega na hora do amor. (Sila, 1994, p. 234).

Quando poderia lembrar do seu esforço profissional afinal trabalham juntos, da mulher inteligente que Ruth sempre foi. As recordações se limitam em atos sexuais e maternidade.

Na sociedade guineense, muitas mulheres negras foram e ainda são empregadas domésticas dos homens brancos. A colonização acabou, mas, tem rastros que ainda permaneceram. Além disso, tem outro fator que faz com que as mulheres optam, (se é que é uma opção) pelo trabalho doméstico. Um desses fatores é a falta de escolaridade. Já que a sociedade ensina que o papel do ser humano do sexo feminino no mundo é servir o outro. “As mulheres ocupadas com as lides caseiras.” (Sila 1994, p. 250).

Foi o que vimos na protagonista Mbubi uma senhora africana, uma mulher pobre cozinheira e empregada doméstica. Mbubi passou por várias situações, foi estuprada pelo antigo patrão com quem teve uma filha. Sem dúvida algum o patrão não assumiu a criança, isso causou muitos sofrimentos, sem contar que ela tem outros filhos que o autor não fez questão de descrever quem é o pai. Pode-se perceber que essa situação na qual ela vive e luta para sobreviver é o que frequentemente acontece com as mulheres pobres, mães solteiras na sociedade africanas. Uma mãe que abandona seus filhos em busca de melhores condições de vida para eles, cuidando da casa do próximo, ter que submeter a certas condições, violências, sofrer calada, aprender a se calar, entre muitos outros sofrimentos. “E olha que quem o diz é uma pessoa que bateu todos os trilhos desta vida, conhece todas as forças e fraquezas do amor, todas as faces da desilusão e todas as etapas do sofrimento.” (ibid, 1994, p. 253).

Ela cuida da casa, da comida e do seu patrão afro-americano. Além de serviçal, Mbubi é a conselheira fiel do seu patrão. “[...] Mas senhor Daniel bem sabe que de comer mais! [...] – Santo Deus! Será que não posso saber o que está acontecendo contigo, Dan?” (apud, 1994, p. 189). Esse costume é bastante visto nas sociedades africanas. Pessoas idosas representa aparo, consolo são procuradas pelos mais velhos quando a situação chega aos extremos, ou quando os jovens estiverem prestes a tomar decisões difíceis. É mais frequente quando se trata de relações amorosas (namoros, casamentos), questões de filhos etc... Sua mãe também representou essa figura dos mais velhos nas comunidades africanas. Os conselhos dessas mulheres e homens velhos denominados “Homi ku mindjer garandi” as vezes são baseadas nas suas próprias vivencias as vezes nas histórias que ouviram ou nas situações parecidas que alguém próximo à elas/eles tinham passado.

O estereótipo é uma das questões bastante discutidas nas literaturas das escritoras contemporâneas. Nesse romance Silá sublinhou bastante esse conceito que oprime e tortura as mulheres africanas. Como se não bastasse o sofrimento que as mulheres africanas passaram na mão dos colonizadores no período colonial devido essa má interpretação do seu corpo.

Nunca tinha estado com uma moça africana e nunca passara pela cabeça que podia existir algo do gênero da atracção que sentia naquele momento. Seria essa atracção uma virtude da mulher africana, um dom natural que a sua africanidade lhe atribuía? Significava isso que todas as moças africanas eram assim tão sensuais e atraentes como aquela que tinha naquele momento à sua frente? (Sila, 1994, p. 214).

Diante disso questionamos o seguinte: o que o fez achar que o afro-americano pensaria isso? Se o encontro do afro-americano com Ruth era um encontro profissional que contava com a presença de muitas outras pessoas, porque não pensou: Será que todas as mulheres africanas são economistas? Seria essa inteligência uma virtude da mulher africana? Um dom natural que a sua africanidade lhe atribuía? O estereótipo da mulher africana atribuindo-lhes apenas qualidades físicas. O famoso discurso de que as mulheres africanas são “lindas, têm corpo lindo”. Nada além disso.

Voltaremos a questão das duas faces da mulher. Dessa vez temos a mulher com um corpo fantástico, elegante e outra como considerada “gorda”. “As pessoas achavam-na gorda, embora ela nunca tivesse reconhecido tal fato. “Vocês não sabem distinguir entre gorda e gente forte; eu não sou gorda não senhora!”” (apud, 1994, p. 183). Chamar uma mulher de gorda é ofendê-la. “[...] a banha acumulada nos braços e na cintura da pessoa se movimentava a um ritmo frenético, em flagrante dessincroniza com o ritmo marcado pelos passos.” (apud, 1994, p. 244)... “A blusa estava rota na altura do peito, deixando espreitar para fora quase metade de um dos seios.” (Silá, 1994, p. 245)...“Um bubu solto, que ia até aos pés, com uns lindos bordados ao peito, dava-lhe um aspecto elegante, retirando-lhe, à primeira vista, o estatuto de gorda. Lindas sandálias de couro suportavam todo o peso do seu corpo.” (ibid, 1994, p. 247). “[...] disse Mbubi, ao mesmo tempo que limpava dos olhos umas lágrimas que insistiam em molhar as suas gordas bochechas.” (ibid, 1994, p. 255). O nome dado a essa figura é suficiente para a/o leitora ou leitor entender de quem se trata. As vezes achamos até proposital o autor usar o tempo todo essas características de inferiorização e discriminação com as suas figuras femininas. Apenas os atributos físicos é que definem as personagens femininas. Sejam economistas, conselheiras, secretárias, outras características não são destacadas quando se trata da mulher.

Outro tipo de discriminação que as mulheres sofrem é o estupro uma violência sexual relatada nesse romance, embora o acontecimento não tenha sido desenvolvido. O sociólogo Hélder Duarte Baticã (2015), no seu **Manual de igualdade e Equidade de Género** realça que: “A violência sexual constitui igualmente uma forma frequente de VBG⁸, variando desde o assédio sexual, estupro, agressão sexual, relação sexual sem consentimento, até a corrupção

⁸ VBG- Violência baseada no gênero. Tema discutido pelo O sociólogo guineense Hélder Duarte Baticã (2015), no seu Manual de igualdade e Equidade de Género.

infantil e prostituição forçada” (Baticã, 2015, p.14). vale ressaltar que quando se trata de casos como essa, ninguém retrataria melhor sobre o ocorrido mais do que que realmente passou por isso. Por isso é que tomo a liberdade de dizer que o narrador deveria dar voz a vítima o que não aconteceu. Mais uma vez um homem falando pela mulher.

Sabes consolar uma irmã quando ela chora convulsivamente depois de ter sido violada? Sabe como restituí-la à vontade de viver quando se lhe diz que deve ocultar este acontecimento para manter o criminoso impune em troca de um lar? [...] Ela preferiu se matar a viver com aquele fardo na consciência. (Sila, 1994, p. 255).

O caso do estupro como já tínhamos discutido no capítulo anterior é bastante frequente. É um dos atos mais desumanos e cruéis que acontece na nossa sociedade com mulheres de idades diferentes e em situações diferentes.

“Uma menina mulata que se dizia ser fruto da incapacidade do primeiro patrão branco de residir aos encantos da cozinheira negra cuja compleição física considerava uma flagrante injustiça divina em relação à sua esposa branca” (apud, Sila 1994, p. 183).

Mbubi foi abusada sexualmente pelo seu patrão. Pelo que foi relatado pelo narrador dá para perceber que não foi uma vez que esse ato aconteceu. Esse tipo de abuso é mais uma consequência do estereótipo da mulher africana. Um corpo “perfeito”. Mais uma descrição da mulher que alimenta o imaginário de quem lê e de quem escreve. O que nos chama atenção é a forma como o escritor reforça essa caracterização do estereótipo da mulher africana perante o olhar masculino, sem nenhum sinal de como isso possa afetar de uma forma negativa uma mulher. Ou seja, o escritor em nenhum momento do seu romance se preocupou em aprofundar ou desenvolver o conflito que expõe as razões do estupro. Deixou passar esse fato como se fosse algo mais natural que possa acontecer numa sociedade em que as mulheres são referidas quando se trata da estética.

Também tem caso de agressão física. Quando o Marido chegou em casa e encontra a sua esposa com outro homem, a reação dele foi violenta. Mais um assunto que merecia ser desenvolvido. “O impacto da mão de Dan na face de Ruth, sem produzir um grande efeito sonoro, foi muito. Ela estatelou-se no chão como que projetada.” (apud, 1994. p. 267). A mulher foi agredida pelo seu parceiro e sobre isso nada foi feito, como se isso fosse a coisa mais natural que poderia acontecer. No romance, não tem relato de Ruth fazendo denúncia, nenhuma outra pessoa o fez, mas, o homem com quem Ruth estava, mandou seus capangas bater no suposto rival, isso para vingar a si. Quanto a Ruth, nada foi questionado.

O escritor precisava dar mais voz as suas figuras femininas. Elas têm que falar por si, das suas intimidades, suas vontades, do que são capazes, do que foram, do que querem ser. Esta seria uma contribuição para redução da visão estenotipada sobre as mulheres e construções de personagem traidoras, empregadas domesticas. Considerando que Abdulai Sila escreveu esse romance em 1994, ano em que a maioria dos países africanas não haviam aderido à causa da igualdade de gênero. De forma alguma, pretendemos criticar o trabalho do autor, mas, estamos nos posicionando pela mudança do olhar da sociedade sobre as mulheres, seja na escrita literária, músicas, ou nos discursos do senso comum.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do nosso trabalho, percebemos que, para entender e falar da nação guineense e da imagem da mulher na literatura guineense é necessário, antes de tudo, compreendê-las antes, durante e depois da colonização. A literatura guineense, partindo da visão de Moema Parente Augel (2007), tem vários recursos que poderiam ser aproveitados, observando sua diversidade linguística. Percebemos que o engajamento do estado em investimentos em reformas de bibliotecas, escolas, ajudariam bastante no crescimento da literatura guineense. A nação é um tema importante para a maioria dos/as escritores/as guineenses. A colonização e a luta de libertação são dois temas bastante debatidos ainda hoje nessa literatura. O espírito de pertencimento vigente na obra literária guineense demonstra, por um lado a insatisfação pela colonização, por outro a liberdade de ter reconquistado o que lhes pertence. Para ter de volta o seu território, os guineenses, mulheres e homens lutaram juntos. Mas, segundo Godinho (2016), quando relataram a história da luta de libertação, as mulheres foram esquecidas. Isso mostra, portanto, a desigualdade de gênero na sociedade guineense. Segundo Helder Baticã (2015), a violência baseada no gênero é um fator sustentada pela educação familiar. Meninas e meninos são ensinadas/os desde crianças que os deveres de casa são para as pessoas do sexo feminino e que as mulheres têm que se submeter aos seus maridos. Um meio viável que poderia ser usado seria discutir essas questões na literatura. Porém, como já tínhamos dito, alguns escritores, como romancista Adulai Silá, nas suas obras discute mais a questão da nação, da colonização e questões políticas. Podemos perceber o quanto a imagem da mulher é estereotipada na obra de Silá e em que posição o autor coloca suas figuras femininas na sua obra **A Eterna Paixão** (1994). A representação da violência de gênero (estupros, agressão física e verbal) está presente no texto, mas não foi problematizada. Por fim, chegamos a conclusão de que a sociedade precisa recriar sua visão sobre as mulheres e a cultura precisa ser recriada e readaptada.

REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. **The Novelist as Teacher**. In: African Writers on African Writing.Org. G.D. Killam. Londres: Heinemann, 1973.
- ANGGNOT, iMarc. **Para uma teoria do discurso social**. Cadernos do I.L. Instituto de Letras da UFRGS. setembro 1991.
- APPIAH, Kuame Anthony. **Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura/** Kwame Anthony Appiah; tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. – Rio de Janeiro: 1997.
- ASSMANN, Jan. **Religião y memória cultural: diez estudios**. Edición y traducción Marcelo G.Burello y Karen Saban. - 1 ed. - Buenos Aires: Lilmod, Libros de la Araucaria, 2008.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BARROS, Miguel De. SEMEDO, Odete. Manual de capacitação das mulheres em matéria de participação política com base no género. Bissau, UNIOGBIS-Gabinete Integrado das Nações Unidas para a Consolidação da Paz na Guiné-Bissau, 2012.
- BATICÃ, Hélder Duarte. **Manual de igualdade e equidade de género**. UE-PAANE – Programa de Apoio aos Actores Não Estatais “Nô Pintcha Pa Dizinvovimentu” SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo; tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.
- CASTELO BRANDÃO, Lúcia. SILVIANO BRAN, Ruth. **A Mulher Escrita**: Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial: LTC-Livros Técnicos e Científicos Ed., 1989.
- CÁ, José Baptista. Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau. Belo Horizonte 2015.
- DU Bois, W. E. B. Races. The Crisis (Agosto de 1911). In: Writings in Periodicals Edited by W. E. B. Du Bois V.I.: 1911-1925. Compilado e organizado por Herbert Aptheker Milwood. Nova York: Kraus – Thomson Organization Limited, 1983.
- Entrevista a Teodora Inácia Gomes, 26/10/2012.
- FERRO, Marc. **História das Colonizações: das conquistas às independências: séculos XIII a XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GLISSANT, Edouard. La poétique de la relation. In: Lê discours anillais. Paris: Seuil, 1981.
- GODINHO GOMES, Patrícia. **A Mulher guineense como sujeito e objeto do debate histórico contemporâneo: Excertos da história de vida de Teodora Inácia Gomes**. *Africa Development*, Volume XLI, No. 3, 2016, pp. 71-95.

GUATTARI, F. ROLNICK, S. **Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª. Ed. Rio de Janeiro: DPA, 2006.

HAMILTON, Russell. **A literatura dos PALOP**. n. 3 dez. 1999.

In:http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=3600&lay=pe

HAMILTON, Russell. **A literatura dos PALOP**. n. 3 dez. 1999.

RICOEUR, Paul. **Temps etrécit**. Paris: Seuil, 1985 (Tomo 3).

ROBIN, Regine. **LeromanmémorieL Montreal,Lê Préambule**, 1989.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**; tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILA, Abdulai. **A Última Tragédia**. Bissau: Ku Si Mon Editora, 1995.

_____. **Mistida**. Bissau: Ku Si Mon Editora, 1997.

_____. **A Eterna Paixão**. Bissau: Ed. Ku Si Mon, 1994.

_____. **Mistida (Trilogia)**. Praia - Mindelo: Centro Cultural Português, 2002.

SILVA, Silvana. **Formas e dilemas da representação da mulher na literatura contemporânea: Eros enunciados**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2008.

STRAUSS, C.-L. **L'idc?itité**. Paris: PUF, 1977.

TODOROV, Tzvetan. **Notis et lês autres**. Paris: Seuil, 1989.

UMBACH, Rosani Ketzer. **Memórias da Repressão e Literatura: algumas questões teóricas**. In: *Memórias da Repressão*. Santa Maria, RS: PPGL – UFSM, 2008.

VALANDRO, Letícia. **Memória e construção da nação guineense**. Publicado por: Associação Internacional de Lusitanistas URL persistente:
URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/34615> Accessed : 8-Feb-2019 13:17:40.